

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

UM OLHAR PARA DENTRO:
O MOVIMENTO FEMINISTA NO RIO DE JANEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de **Mestre em Ciências Sociais - Opção Sociologia**.

Sônia Malheiros Miguel

Florianópolis, maio de 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

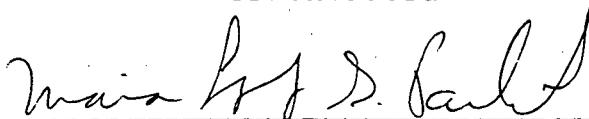
UM OLHAR PARA DENTRO:
O MOVIMENTO FEMINISTA NO RIO DE JANEIRO

Sônia Malheiros Miguel

Esta dissertação foi julgada e aprovada
em sua forma final pelo Orientador e
Membros da Banca Examinadora, composta
pelos professores:



Profa. Ilse Scherer-Warren, Dra.
Orientadora



Profa. Maria Ignez S. Paulilo, Dra.



Profa. Bila Sorj, Dra.

As coisas que amamos,
as pessoas que amamos
são eternas até certo ponto.
Duram o infinito variável
no limite de nosso poder
de respirar a eternidade

Pensá-las é pensar que não acabam nunca,
dar-lhes moldura de granito.
De outra matéria se tornam, absoluta,
numa outra (maior) realidade.

Carlos Drummond de Andrade

Para
Zeca e Felipe
Sempre

Para
Eglê e Salim
Meus pais

Í N D I C E

	Pág.
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	vi
INTRODUÇÃO - A EXPERIÊNCIA REFLETIDA	1
CAPÍTULO I - A PESQUISA	7
CAPÍTULO II - A REFLEXÃO TEÓRICA	15
CAPÍTULO III - OS GRUPOS E AS ENTREVISTADAS	39
CAPÍTULO IV - AS FEMINISTAS E SEUS FEMINISMOS	47
CAPÍTULO V - A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO: A QUEBRA DE UTOPIAS	56
CAPÍTULO VI - AUTONOMIA - AUTONOMIAS: NOVOS RUMOS DE ATUAÇÃO NO MOVIMENTO	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS - A (RE)CONSTRUÇÃO DE UTOPIAS	97
ANEXO	103
BIBLIOGRAFIA	105

A G R A D E C I M E N T O S

Não se faz uma dissertação sozinha. Na caminhada você envolve a todos (direta ou indiretamente). Gostaria de registrar aqui meus agradecimentos.

À Ilse Scherer-Warren, pela Orientação e Amizade.

Aos professores da Pós-Graduação, pelo estímulo intelectual e pela afeição.

À Fundação Carlos Chagas, por ter financiado parte da pesquisa.

Às entrevistadas, companheiras de feminismo, que me abriram suas casas, cabeças e corações.

À equipe do Museu Histórico de Santa Catarina, pelo apoio.

À Albertina Buss, pela eficiente (e rápida) datilografia.

À Graciana, Lucinha e Regininha, pelo carinho e força.

Enfim, às minhas amigas e amigos guardados "debaixo de sete chaves, dentro do coração".

R E S U M O

A presente pesquisa busca pensar sobre o movimento feminista, hoje, no Rio de Janeiro.

O eixo central da análise volta-se para uma avaliação do discurso de feministas de diversos grupos, buscando compreender de que forma definem autonomia e a importância que esta tem para o movimento.

Proponho-me a fazer uma reflexão crítica, com base em entrevistas, sobre o movimento feminista no Rio de Janeiro e os rumos que este está tomando. Por um lado, discuto a diminuição do número de grupos feministas no Rio, ligando este fato à tendência a um trabalho mais institucional e ao desencanto com o movimento, advindo da percepção de relações autoritárias e hierárquicas em seu interior. Por outro, discuto o conceito de autonomia, sua alteração no decorrer dos anos e a atual tendência do movimento feminista de uma maior atuação junto ao Estado e outras instituições. Num primeiro momento o feminismo ligaria autonomia a uma defesa contra manipulação de partidos políticos (o Estado era francamente inimigo), num segundo, com o processo de maior "abertura" e a possibilidade de uma relação institucional, autonomia seria definida em relação ao Estado, aos órgãos públicos e a outros movimentos sociais.

ABSTRACT

The present enquiry has the purpose of making a reflection on the today's feminist movement in Rio de Janeiro, Brasil.

The central analysis focus is an avaluation of feminist women's discourse from different groups, seeking to understand they define autonomy and the value, they describe to it into the moviment.

It is my intention, based in the interviews, to make a critical reflection on the feminist movement in Rio de Janeiro and the direction it's taking.

On one hand, I discuss the decreasing number of feminist groups in Rio de Janeiro proposing a link between this fact and both tendence to a more institucional work and the disenchantment with the movement, resultant of the perception of authoritarian and hierarchic relation into it.

On the other hand, I discuss the concept of autonomy, its changing in time and the present tendence into the feminist movement to come to terms with the State and other institutions.

At first autonomy would have, to feminist movement, the meaning of a defense against the manipulation by, political parties at this time the State was openly an enemy, at length in the curse of greater political opening and with a concret possibility of an institucional relation, the autonomy concept would be defined as a defense against the manipulaton by the State, the public agencies and other social movements.

I N T R O D U Ç Ã O

A EXPERIÊNCIA REFLETIDA

Eu já estou com o pé nessa estrada
Qualquer dia a gente se vê

Sei que nada será como antes amanhã

Num domingo qualquer

Qualquer hora

Ventania em qualquer direção

Sei que nada será como antes amanhã

Que notícias me dão dos amigos?

Que notícias me dão de você?

Sei que nada será como está, amanhã

Ou depois de amanhã

Resistindo na bôca da noite um gosto
de sol

(Nada será como antes - Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

A escolha de um tema de pesquisa percorre vários caminhos. Assim foi também com o tema que escolhi.

A motivação central para estudar o feminismo, e mais especificamente o movimento feminista no Rio de Janeiro, está diretamente ligada à vivência que tive do mesmo, durante alguns anos.

Ao realizar as entrevistas, em vários momentos me identifiquei com o que as entrevistadas diziam, com a experiência de vida que relatavam e com a trajetória narrada de envolvimento com o feminismo.

Esta identificação que me fazia, de certa forma, pesquisadora e pesquisada, sujeito e objeto da pesquisa trouxe algumas vantagens e algum risco. Entre as vantagens, cito o conhecimento direto da dinâmica do movimento no Rio, das diferentes visões existentes em seu interior e, na maioria dos casos, das próprias feministas entrevistadas. O risco que corri foi o de não conseguir estabelecer o distanciamento necessário, durante a elaboração e realização da pesquisa. A consciência desta situação fez com que me mantivesse atenta e crítica desde a elaboração do projeto.

A partir deste envolvimento e do estudo que dele resultou, foi me ficando cada vez mais clara a importância de se aprofundar os estudos sobre a mulher. Pois, mesmo representando a metade da população, a análise e o estudo de sua participação (em casa, na educação dos filhos, na política, etc.) foram normalmente relegados a um segundo plano, quando não ignorados.

A bibliografia existente até o momento no Brasil, deixa claro o aumento de interesse, nos últimos anos, pelo estudo sobre a mulher.¹ Uma ampla gama de assuntos relacionados à mulher passa a ser pesquisada, mas ainda muito há que fazer. Não se tem uma recuperação sistemática da participação das mulheres em nosso país (seja em que nível for: político, ideológico ou social) e muito pouco se analisou da história, propostas e organização deste movimento.²

No meu entender, este aumento de interesse pelos estudos sobre a mulher está ligado ao desenvolvimento e/ou intensificação dos movimentos feministas na década de 60, o que fez com que algumas mulheres passassem a ter consciência do seu papel na sociedade e da necessidade de recuperar e recriar sua história. Parece evidente que houve benefícios também decorrentes de uma nova postura, que se toma nas Ciências Sociais em geral, buscando dar voz a quem até hoje não a tinha. Nesse sentido, passa-se a estudar os grupos marginalizados tanto do poder como da luta pelo poder (como é o caso das minorias, sejam elas quantitativas ou qualitativas).

A primeira intenção, ao discutir o tema de minha dissertação de mestrado, era trabalhar com a Imprensa Feminista (Nós Mulheres, Brasil Mulher e Mulherio), verificando de que forma estes jornais definiam o movimento feminista, discutiam sua prática e sua organização. Qual não foi minha surpresa, quando fiz uma primeira leitura do material, ao observar que praticamente não se discutia estas questões de uma forma sistemática. Isto é, na verdade a imprensa não tinha, e não têm até o momento, uma preocupação em aprofundar as questões chave do movi-

mento, discutir suas diferentes posturas e propostas. Isto fica bem claro ao se constatar que, em períodos de turbulência interna, quando o movimento estava passando por discussões bastante acirradas e ocorriam uma série de "rachas" no Rio e em São Paulo, os jornais da imprensa feminista poucas linhas davam ao assunto.

Com base neste quadro, resolvi centrar a minha análise numa crítica interna do movimento feminista. Isto porque, no meu entender, a imprensa feminista reflete uma postura do próprio movimento, que é não aprofundar e clarear as diferentes posições e visões, existentes em relação ao feminismo, e a dificuldade que se tem, na prática, de se trabalhar a diversidade (mesmo que o discurso a enalteça).

Considero importante que se comece a fazer uma reflexão crítica sobre o movimento feminista, de forma mais organizada e sistemática. Este trabalho procurará ser uma contribuição neste sentido, pois terá como objetivo explicitar algumas das diferentes formas de ver e viver o feminismo, através da discussão de um dos conceitos fundamentais para a sua sobrevivência: autonomia.

Na verdade esta palavra - autonomia - está sendo muito utilizada pelos movimentos sociais em geral, mas sua definição é bastante confusa. No movimento feminista também. Todas falam e defendem a autonomia do movimento, mas esta defesa muitas vezes reflete diferentes posturas e está ligada a formas diferentes de encarar a luta feminista e de organizar esta mesma luta.

Este trabalho se propõe explicitar o que algumas feministas definem como autonomia, bem como a avaliação que fazem do movimento feminista hoje, no Rio de Janeiro.

O presente estudo está estruturado da seguinte forma: no Capítulo I - "A Pesquisa" - descrevo os caminhos que percorri na coleta e análise do material pesquisado. No Capítulo II - "A Reflexão Teórica" - recupero as idéias de alguns autores que desenvolvem, em seus trabalhos, conceitos sobre autonomia, poder, etc., que darão a base para minha análise das entrevistas. No Capítulo III - "Os Grupos e as Entrevistadas" - procuro traçar um perfil dos grupos feministas existentes hoje no Rio e das feministas entrevistadas. No Capítulo IV - "As Feministas e seus Feminismos" - traço a trajetória das mulheres entrevistadas até o seu encontro com o feminismo, bem como suas definições do mesmo. No Capítulo V - "A Organização do Movimento: a quebra das utopias" - tendo por base o discurso das entrevistadas, discuto a organização do movimento feminista hoje no Rio de Janeiro. No Capítulo VI - "Autonomia - Autonomias: novos rumos de atuação no movimento" - recupero e analiso as definições das entrevistadas acerca de autonomia e a atual tendência à institucionalização dos grupos autônomos. Finalmente na "A (RE)construção de utopias", teço as Considerações Finais acerca do trabalho.

NOTAS

¹Este estudo, num primeiro momento, se concentrou nos temas mulher e trabalho, mulher e família, mulher e direito, etc. A este respeito ver, entre outros, os levantamentos realizados pela Fundação Carlos Chagas:

- a) Fundação Carlos Chagas. Mulher Brasileira: bibliografia anotada. São Paulo, Brasiliense, 1979. V. 1.
- b) Fundação Carlos Chagas. Mulher Brasileira: bibliografia anotada. São Paulo, Brasiliense, 1981. V. 2.

²Nos últimos anos, começam a ser escritos trabalhos que procuram refletir sobre o feminismo e a história e experiência deste movimento no Brasil. Entre estes podemos citar Goldberg (1987), Gutiérrez (1985). Outros textos, mesmo não tendo como eixo central o estudo do movimento feminista, procuram verificar de que maneira a "cultura feminista" foi incorporada pelos movimentos sociais, partidos, sindicatos, etc. Martins (1987), Scherer-Warren (1987), Giuliani (1987), entre outros.

C A P Í T U L O I

A PESQUISA

Começo a ver no escuro
um novo tom
de escuro

Começo a ver o visto
e me incluo
no muro

Começo a distinguir
um sonilho, se tanto,
de ruga.

E a esmerilhar a graça
da vida, em sua
fuga

(Ciência - Carlos Drummond de Andrade)

As entrevistas são a principal fonte da presente pesquisa. Foram realizadas com feministas do Rio de Janeiro, escolhidas através de uma amostra intencional.

A perspectiva de se trabalhar com uma amostra intencional e entrevistas em profundidade está ligada à necessidade de se centrar a discussão em mulheres que tinham uma vivência do feminismo e experiências acumuladas de militância no movimento. Isso lhes permitia avaliar retrospectivamente as experiências por que passaram e analisar tanto as transformações do feminismo como suas próprias concepções acerca do mesmo.

Alguns critérios permearam a escolha das entrevistadas. Feito um rápido levantamento com feministas do Rio de Janeiro - os nomes consultados foram conseguidos através do meu conhecimento do movimento no Rio - seguiu-se a proposta de uma rede. Por exemplo: eu conhecia três pessoas que participavam do movimento, estas três indicavam mais três, que por sua vez me indicavam mais nomes e assim por diante.

Com um número razoável de feministas e seus respectivos telefones para contato, passamos à etapa seguinte: após conversar com estas mulheres e explicar-lhes os objetivos centrais da pesquisa, pedi-lhes que indicassem três nomes entre as feministas do Rio de Janeiro que, segundo elas, deviam ser entrevistadas. Ao explicar os objetivos da pesquisa e da amostra que pretendia formar, esclarecia que não estávamos trabalhando com a noção de quantidade e sim de qualidade. Eu estava pois interessada em entrevistar pessoas que tivessem atuação significativa dentro do movimento, bem como experiência de reflexão e

discussão do mesmo e do feminismo.

De posse desses nomes, verifiquei os que apareciam com mais frequência e inseri um outro critério, também fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, as entrevistadas deviam cobrir os grupos feministas então existentes no Rio de Janeiro. Nesse sentido, se muitas das indicadas com mais "votos" pertencessem a uns poucos grupos, eu não entrevistaria todas essas, pois cruzaria com o critério de pertencerem a grupos diferentes.

Posso então afirmar que nossa amostra é uma amostra qualitativa e intencional, na medida em que, mesmo não tendo sido escolhida exclusivamente por mim, foi claramente dirigida segundo critérios que me interessavam e que foram devidamente explicitados na pequena enquete que realizei.

É importante esclarecer que, ao realizar a enquete, não tive o objetivo de interrogar todas as feministas do Rio de Janeiro ou um número muito significativo. Na verdade a enquete serviu como uma informação a mais para que eu definisse as entrevistadas. Em última instância, esta definição foi feita por mim, tendo por base o tipo de pesquisa que me propunha, o conhecimento que tinha e tenho do movimento feminista (em especial o do Rio de Janeiro por ter dele participado alguns anos) e a necessidade de entrevistar pessoas, de diferentes grupos, com alguma "vivência" de movimento.

Todas as entrevistas foram realizadas com feministas do Rio de Janeiro. A escolha do Rio se deu, de um lado por facilidades pessoais (infra-estrutura - casa e comida - para reali-

zar as entrevistas, conhecimento das participantes do movimento, etc.); e por outro pela importância do Rio de Janeiro no cenário político nacional e na formação e transformação do movimento feminista no Brasil.

O Rio de Janeiro sempre foi, ao lado de São Paulo, Belo Horizonte e Recife, um dos polos do movimento.

Foram realizadas 11 entrevistas com feministas do Rio (uma parte em agosto de 86 e outra em janeiro de 87).

As entrevistas foram gravadas, durando em média 1 hora e 30 minutos e seguiram um roteiro básico (Ver anexo).

Como fontes de pesquisa utilizei, além das entrevistas que foram o principal material da pesquisa, algumas gravações de oficinas do 8º Encontro Nacional Feminista, realizado em 86, em Petrópolis - RJ. Neste Encontro gravei parte da oficina sobre "Feminismo e Poder" e uma discussão com algumas integrantes e ex-integrantes do Centro da Mulher Brasileira - RJ, que procuravam analisar a crise pela qual este passava.

Um outro material gravado que utilizei foram discussões ocorridas durante o 1º Encontro Nacional de Investigação Sobre a Mulher, que aconteceu em Porto Alegre, de 4 a 7 de novembro de 1985. Deste encontro tenho gravada uma discussão sobre "Autonomia", uma sobre "O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher" e uma mesa redonda sobre "Partidos Políticos". Este material contribuiu para a pesquisa na medida em que os assuntos debatidos diziam respeito ao tema da mesma (autonomia, relação movimento X conselho e relação movimento X partidos políticos) e entre as debatedoras havia militantes feministas do Rio de Ja

neiro.

Além destas gravações, utilizo também artigos publicados na imprensa feminista. Pesquisei mais detalhadamente três jornais: Nós Mulheres, Brasil Mulher e Mulherio, me detendo em artigos que abordassem a questão organizativa, o significado do movimento e avaliassem o mesmo.

Por fim, incluo também entre minhas fontes de pesquisa artigos produzidos por integrantes do movimento feminista, que procuram fazer uma reflexão sobre este. Bastante enriquecedores são os artigos produzidos por feministas latino-americanas, aos quais tive acesso através da participação no 3º Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe, que aconteceu em São Paulo, em 1984.

Nesta pesquisa trabalhei basicamente com análise de conteúdo, método que tem sido utilizado em perspectivas diversas e por diferentes áreas de estudo.

A conceituação de análise de conteúdo evoluiu: de início considerada uma técnica para descrição sistemática, objetiva e quantitativa de conteúdo manifesto da comunicação, chega mais tarde à conceituação ampla e complexa de Bardin (1977).

Para Bardin, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicação que visa obter índices e indicadores, por meio da descrição sistemática e precisa do conteúdo das mensagens, que permitam inferências relativas às condições de produção/ recepção das mesmas.

Segundo Flávia Sant'Ana (1979:90) a análise de conteúdo:

"Enquanto conjunto de técnicas ou procedimentos sistemáticos e precisos é um método: (1) empírico de descrição analítica e (2) de interpretação inferencial, ou interpretação baseada em inferências, de vez que ao descrever analiticamente uma mensagem (o conteúdo ou material), o investigador tenta ir além ou saber mais acerca do conteúdo manifesto".

Procurei trabalhar, fundamentalmente, com a visão de análise de conteúdo no seu sentido mais amplo e qualitativo.

As entrevistas foram dirigidas principalmente para a verificação de "fatos" e as razões conscientes de crenças, opiniões, sentimentos, orientações ou comportamentos.

Optei por entrevistas, pois estas permitem uma maior flexibilidade para a obtenção de informações, além da oportunidade que o entrevistador tem de observar a pessoa e a situação total a que responde.

Selltiz (1967:272), ao discutir as vantagens da entrevista afirma:

"(...) o entrevistador pode observar não apenas o que diz o entrevistado, mas também como o diz. Pode, se desejar, verificar afirmações contraditórias. Se necessário, o entrevistador pode discutir diretamente a descrição da pessoa, a fim de verificar qual a coerência de suas respostas".

Trabalhei basicamente com o que Merton, Fiske e Kendall chamam de entrevista focalizada. Neste tipo de entrevista, o entrevistador focaliza a atenção em determinada experiência e seus efeitos, já tendo claro quais os tópicos e os aspectos de uma questão que deseja abranger. Merton, Fiske e Kendall assim

descrevem este tipo de entrevista (citado por Selltiz - 1967: 296):

"Em primeiro lugar sabe-se que as pessoas entrevistadas estiveram envolvidas em determinada situação: viram uma fita de cinema, ouviram um programa de rádio, leram um panfleto ou livro, tomaram parte num experimento psicológico, ou numa situação social não controlada, mas observada (por exemplo uma concentração política, um ritual ou um distúrbio). Em segundo lugar, os elementos hipoteticamente significativos, os processos, os padrões e a estrutura total dessa situação foram provisoriamente analisados pelo cientista social. Através dessa análise de conteúdo ou situacional, o cientista chegou a um conjunto de hipóteses sobre as consequências de determinados aspectos da situação para aqueles que dela participam. A partir dessa análise, dá o terceiro passo, isto é, cria um guia de entrevista, onde estabelece as principais áreas de pesquisa e as hipóteses que apresentam critérios significativos para os dados a serem obtidos na entrevista. Finalmente, em quarto lugar, a entrevista é focalizada nas experiências subjetivas das pessoas expostas à situação pre-analisada, num esforço para verificar suas definições da situação. O conjunto de resposta à situação, que foram descritas, ajuda a verificar as hipóteses e, na medida em que inclui respostas não previstas, provoca o aparecimento de hipóteses novas para pesquisa mais sistemática e rigorosa".

Selltiz amplia a definição de entrevista focalizada, proposta por Merton, Fiske e Kendall. Inclui nela qualquer entrevista em que o entrevistador conhece antecipadamente os aspectos de uma experiência que deseja que o entrevistado aborde em sua discussão, não sendo necessário para isso que o pesquisador tenha observado e analisado a situação específica de que o entrevistado participou.

Ao procurar explicitar, nesta parte do trabalho, como realizei a coleta e análise dos dados, não posso deixar de apontar um fato que viabilizou o uso da metodologia e técnicas descritas: o meu envolvimento com o feminismo, a minha militância, durante alguns anos, no movimento feminista, e mais especificamente, no movimento feminista do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO II

A REFLEXÃO TEÓRICA

Quero eu quero tudo que eu posso
e tudo que é resposta
a todos os meus sentidos
o movimento da vida
eu quero é abrir as portas
que o coração possa ter

(Movimento da Vida - Sueli Costa)

Nesta parte do trabalho, procedo à definição de alguns conceitos com os quais trabalharei. Recupero também a visão de diferentes autores, empenhados em aprofundar o entendimento sobre o movimento feminista e o feminismo, ou sobre questões mais gerais suscitadas pela redefinição da sociedade contemporânea.

Num primeiro momento, acho oportuno fazer uma distinção entre movimento feminino, movimento feminista e movimento de mulheres. O primeiro entendo como mulheres organizadas para juntas reivindicar alguma coisa; contudo, essa reivindicação não está diretamente ligada a problemas específicos que atingem a mulher enquanto sexo/gênero. Serviriam de exemplo os clubes de mães, departamentos femininos de sindicatos, de associações de bairro, etc., que em sua esmagadora maioria têm como reivindicações fundamentais melhoria nas condições de vida (água, luz, esgoto, etc.). Um outro exemplo seriam as mulheres organizadas em torno das chamadas "questões gerais", como o foi o Movimento Feminino pela Anistia.

O segundo entendo como mulheres organizadas em torno de "questões específicas", neste sentido essas mulheres questionariam a forma pela qual estão inseridas na sociedade, a discriminação que sofrem, e refletiriam sobre seus problemas enquanto sexo/gênero. Dentro do movimento feminista propriamente dito encontraremos várias concepções, e mais adiante chego a elas.

Quando me refiro ao movimento de mulheres englobo os dois movimentos (feminino e feminista).

Gostaria de aqui ressaltar que estas definições não

podem ser utilizadas de forma fechada, na medida em que, ao analisar um determinado movimento, podemos encontrar algumas dessas características misturadas, mas o que vai defini-lo (no meu entender) é a ênfase que é dada a um ou outro aspecto. Não posso deixar também de apontar que um dos objetivos do movimento feminista (ou pelo menos de algumas de suas correntes) é fazer com que os movimentos ditos femininos incorporem visões e concepções do feminismo.

Várias têm sido as tentativas de se definir as concepções existentes acerca do que é feminismo e suas propostas. Não pretendo, nesta parte do trabalho, fazer um levantamento exaustivo desses diferentes estudos, mas sim apontar algumas das classificações que considero pertinentes para uma análise do feminismo no Brasil.

Creio ser importante salientar que as definições, que recupero neste texto, foram elaboradas em sua grande maioria tendo por base o feminismo na Europa e Estados Unidos. Isso torna imprescindível alguns ajustes, pois nossas especificidades, que necessariamente devem ser levadas em conta, não permitem a aplicação mecânica desses conceitos quando se procede à análise das várias concepções, correntes e enfoques do feminismo no Brasil.

Existe uma série de estudos que procuram caracterizar e explicitar as diferentes concepções sobre feminismo e movimento feminista. Vou destacar alguns destes, que podem posteriormente me ajudar a analisar o material coletado.

Um primeiro texto, que gostaria de destacar, é o de

Rosiska Darcy de Oliveira e Mireille Calame (1976). Nele, as autoras consideram que a rebelião das mulheres representa uma das críticas mais radicais à sociedade atual, pondo em questão as relações entre as pessoas. E é pela profundidade de suas críticas que o feminismo vai ser, num primeiro momento, ridicularizado - como forma de descreditá-lo - e passa depois a ser combatido, tanto pela esquerda quanto pela direita. Para os primeiros, o movimento vem para dividir e desperdiçar espaços na luta geral e, para os segundos, a mulher não deveria tentar modificar o seu papel "natural", definido biologicamente.

Rosiska e Mireille apontam três tendências básicas no movimento feminista. Um primeiro grupo, chamado de "existencial", que ressalta a importância da experimentação de novas relações não autoritárias:

"Numa palavra, o movimento é o centro da elaboração de uma crítica das relações humanas impostas pela sociedade repressiva e o lugar de sua reivindicação libertadora. Esta tendência considera que este processo de transformação pessoal e afirmação de relações que negam a sociedade repressiva é de fato, por ele próprio, revolucionário". (Oliveira e Calame, 1976:16).

Esta tendência se estruturaria basicamente através de pequenos grupos organizados horizontalmente, denominados de "grupos de auto-consciência" ou "grupos de reflexão"¹, nos quais as mulheres, a partir da troca de experiências e vivências, refletiriam sobre sua sexualidade, forma de socialização, etc., e buscariam uma identidade própria, rompendo com o sentimento de inferioridade internalizado.

As outras duas tendências, denominadas "políticas", di

videm-se em tendência "igualitarista" e tendência "anticapitalista".

A chamada tendência "igualitarista" vai procurar superar a discriminação para obter um estatuto de igualdade com os homens, lutando contra as manifestações desta desigualdade em nossa sociedade (salário desigual para a mesma função, não acesso a postos de comando, falta de creches, etc.). Para isso vai procurar se estruturar enquanto grupo de pressão e conquistar alterações imediatas na vida das mulheres. Um dado a apontar é que esta tendência não chega a questionar o sistema em que a mulher está inserida, não contesta a própria estrutura da sociedade capitalista. (Oliveira e Calame, 1976:16).

Para a tendência "anticapitalista" é inútil lutar pela igualdade dentro deste sistema, seria o fim da sociedade capitalista que libertaria a mulher. O estatuto inferior da mulher em nossa sociedade seria consequência das estruturas econômicas e sociais capitalistas. Nesse sentido, a luta da mulher em nossa sociedade seria um aspecto da luta de classes e estaria subordinada a ela, devendo portanto as mulheres operárias assumirem a vanguarda do movimento de libertação da mulher. (Oliveira e Calame, 1976:12).

Um outro texto, que acho importante destacar (e pretendo trabalhar fundamentalmente com os conceitos que esta autora elabora) é o de Norma Stolz Chinchilla (1982).

Norma Chinchilla parte do princípio que, sendo o feminismo uma ideologia parcial, está ligado necessariamente a outra ideologia de classe, como o liberalismo, o socialismo ou

o marxismo. Dentro desta visão a autora caracteriza quatro concepções básicas de feminismo: um feminismo liberal, um radical, um marxista e um socialista.

O feminismo liberal aponta para uma concepção de feminismo que trabalha fundamentalmente com a noção de igualdade entre os sexos. Nesse sentido sua postura seria a de reivindicar direitos iguais aos homens em nossa sociedade, não questionando a estrutura desta sociedade e nem tampouco o tipo de relação entre os sexos que nela se estabelece. Teria como proposta uma igualdade política e maiores oportunidades para as mulheres. (Chinchilla, 1982:218).

O feminismo radical centra sua crítica na sociedade industrial, fora do controle popular, e critica as posturas tradicionais da esquerda, que relega a um segundo plano as questões do indivíduo e suas especificidades. O feminismo radical teria como proposta entender (e superar) a raiz da opressão feminina que, segundo sua análise, estaria ligada à estrutura patriarcal da sociedade. Nesse sentido, seria o fim da sociedade patriarcal que poria fim à opressão das mulheres. Para esta concepção é fundamental que as mulheres repensem o seu cotidiano, compreendendo de que forma, no dia a dia, foram socializadas enquanto seres inferiores e submetidas inicialmente à autoridade do pai, do irmão e depois do marido. Para as feministas radicais vão ser fundamentais no processo de libertação das mulheres a formação de grupos de consciência, no qual estas mulheres possam exercer livremente a palavra, ou aprender a exercer livremente a palavra, falando do seu dia a dia, sua sexualidade e seus desejos. Para as feministas radicais, as mulheres seriam

oprimidas enquanto gênero, chegando a serem vistas enquanto classe.

O feminismo marxista se preocupa com a questão das origens da desigualdade sexual, tendo como perspectiva fundamental a organização e defesa dos interesses da maioria das mulheres, que são pobres e trabalhadoras. Neste caso haveria uma ligação bastante forte entre gênero e classe.

O feminismo socialista propõe a construção de novas teorias e estratégias sobre a condição da mulher. Critica a visão de "sexo-como classe" das feministas radicais e também a visão de "sexo como contradição secundária" das feministas marxistas. Segundo esta concepção:

"Cualquier comprensión de la vida social, y por consiguiente cualquier plan para transformarla, debe comenzar con un análisis de la vida cotidiana y la experiencia que está dentro de nosotras mismas (una perspectiva derivada del feminismo radical). Las estrategias para el cambio deben estar dirigidas hacia esta totalidad (pública y privada, familia y trabajo, economía y cultura) en vez de tan sólo una parte de ella" (Chinchilla, 1982:232).

Esclarecedoras, também, são as colocações de Judith Astelarra (1986) em seu trabalho "El feminismo como perspectiva teórica y como práctica política". A autora destaca duas visões de feminismo que teriam desenvolvido, de forma mais profunda, uma elaboração teórica: o feminismo radical e o feminismo socialista. As concepções do feminismo radical ter-se-iam estruturado em resposta às concepções rígidas sobre a questão da mulher, que predominavam na maioria das organizações de esquerda, e defenderia a autonomia do movimento feminista, a plurali-

dade e a diversidade dos grupos e a construção de relações não autoritárias entre as pessoas. Questionaria também a dupla moral da sociedade patriarcal e a relação de dominação entre os sexos.

Já o feminismo socialista assinalaria e procuraria superar a debilidade da análise marxista em relação à opressão da mulher, acreditando que se deva lutar simultaneamente pela transformação do sistema capitalista e do sistema patriarcal.

Uma visão mais aprofundada das concepções do feminismo socialista é propiciada pela leitura do livro Além dos Fragmentos: O Feminismo e a Construção do Socialismo, de Sheila Rowbotham, Lynne Segal e Hilary Wainwright (1981). Nele as autoras discutem a relação, bastante conflituosa, entre feminismo e marxismo, tomando por base a experiência na Inglaterra.

Para elas, o feminismo apontou a fraca formulação do marxismo no que se refere às relações entre os sexos, criticou o modelo de vanguarda e a noção de revolucionário profissional, desligado das outras pessoas. O feminismo, por sua vez, vai incluir na política as esferas micro e outras formas de práticas femininas, ampliando o conceito de política até então utilizado.

"Uma complexa compreensão evoluiu através da prática do movimento de mulheres de interconectar as diferentes formas de relações de poder. Por exemplo, a campanha pelo direito de uma mulher escolher livremente entre abortar ou gerar o filho desperta imediatamente a questão do controle sobre sua própria fertilidade e maternidade, que leva aos temas mais gerais do domínio sexual masculino sobre a mulher, das relações do ser humano com seu corpo e da im-

portância do prazer sexual. Todos os quatro aspectos da questão foram desprezados pelo marxismo. Mas a campanha também envolve uma discussão das leis e do parlamento, de um atendimento médico social e democrático, de um vasto sistema de meios para o cuidado com os filhos, de poder do Estado de determinar a política populacional, de modo como se fazem as decisões a respeito do investimento na tecnologia, e no interesse de quem, e de pesquisa médica para o controle da natalidade. Isto implica uma discussão sobre a estratégia de uma campanha tanto para pressionar o parlamento quanto para transformar o relacionamento com o corpo". (Rowbotham, 1981:124).

Em livro publicado no começo de 1987, Lynne Segal faz uma avaliação do movimento feminista contemporâneo. Para ela estaria acontecendo uma modificação na postura e visão das feministas. Em seu início, o movimento feminista tinha como preocupação fundamental questionar as desigualdades existentes entre homens e mulheres, criticando ferozmente a visão "natural" das diferenças como determinismo biológico. Hoje o feminismo radical popular (no sentido mais difundido) nos EUA procura celebrar as diferenças, afirmando a superioridade da mulher.

Segundo a A. existiria hoje em dia, além da proposta de um feminismo socialista, dois projetos de feminismo:

"O primeiro (...) é um que ressalta diferenças básicas entre mulheres e homens, e afirma a superioridade moral e espiritual da experiência, valores, características e cultura femininas. A opressão das mulheres, deste ponto de vista, resulta da supressão desta visão centrada nas mulheres, ou 'mundo' feminino separado. O segundo projeto (...) é um que ressalta as desvantagens sociais e econômicas das mulheres e busca mudar e melhorar as circunstâncias imediatas das mulheres, não apenas na área do traba -

lho remunerado e vida familiar, mas em provendo fundos para projetos culturais de mulheres, aumentando a segurança das mulheres nas ruas, ou satisfazendo as necessidades especiais de grupos particulares de mulheres" (Segal, 1987: 213).

Segal expressa sua preocupação com essa visão dualista, que coloca homens como maus e mulheres como boas, criticando também o excessivo psicologismo de algumas correntes feministas, bem como o "endeusamento" da mulher e o "reducionismo sexista".

Pelo quadro exposto, podemos perceber que o feminismo, ou melhor, as concepções acerca do feminismo se diversificam, sendo necessário que estudemos cada época e cada situação específica, para podermos caracterizá-lo e defini-lo de uma maneira mais adequada.

1. Feminismo: um movimento social

Acho relevante o estudo do movimento feminista enquanto um movimento social, entendido aqui como movimento que se organiza de forma independente, representando interesses comuns de determinados grupos de pessoas e que tem por princípio a sua não partidarização ou instrumentalização por partidos políticos, sindicatos, etc., ou seja, a sua não submissão a uma instância superior, política ou ideológica.²

Um autor que nos aponta caminhos fecundos é Touraine (1981). Ao tratar dos novos movimentos, Touraine inclui, como

um dos três domínios principais, o movimento de mulheres. Os outros dois seriam os movimentos regionais e o movimento de ecologia política.

Segundo Touraine (1981:125), os movimentos passam basicamente por dois momentos. Um primeiro, caracterizando-o como movimento cultural, em que se luta, antes de mais nada, pela transformação dos valores. Esse seria como que uma pré-condição da formação de um novo movimento social. E um segundo, caracterizando-o como movimento social, em que se tem claro contra o que, contra quem, por que e por quem se luta. Nesse caso, além de existir uma componente defensiva, associa-se-lhe uma ação contra-ofensiva. Para o A., na sociedade contemporânea, em contraposição à sociedade industrial (onde o movimento operário era o centro das lutas sociais)

"(...) os movimentos sociais, que aparecem em diferentes domínios, já não são formas de defesa dos trabalhadores contra os senhores da indústria, mas de defesa do público contra os aparelhos de gestão que têm o poder de modelar a procura dos seus interesses; já não invocam a intervenção do Estado, pelo contrário, reivindicam a autonomia e a autogestão das unidades sociais de base; finalmente, já não falam em progresso e futuro radioso, mas pretendem organizar, a partir de hoje, uma vida diferente, agindo sobre as escolhas sociais e políticas que comandam a produção da organização social" (Touraine, 1981:211).

Para Touraine, os movimentos sociais seriam o núcleo da análise do social, e não mais as classes sociais e o poder. Segundo Ilse Scherer-Warren (1984), em trabalho onde analisa a contribuição de autores clássicos e contemporâneos para a compreensão e análise dos novos movimentos sociais:

"Com Touraine, a categoria 'movimento social' passa ao coração da vida em sociedade. A sociedade se produz por ela mesma, e o homem faz a sua própria história através de seus movimentos sociais. Estes movimentos podem ser responsáveis por transformações maiores, mas também estão presentes no cotidiano, sendo responsáveis pelos fluxos permanentes do social" (Scherer-Warren, 1984:138).

Um outro autor que procura aprofundar bastante a caracterização dos chamados novos movimentos sociais é Tilman Evers (1984). Na sua concepção é fundamental, para uma correta compreensão dos novos movimentos sociais, o repensar de uma série de conceitos ou categorias existentes nas Ciências Sociais. Para ele, os hoje existentes não dão conta das transformações que ocorreram e estão ocorrendo no social. Seria necessário repensar o poder político (limitado a sua esfera institucional), como categoria central das Ciências Sociais, por ser uma concepção muito limitada para o entendimento dos novos movimentos sociais, pois estes fazem surgir novos campos de ação política, novas formas de "fazer política" e novos agentes políticos. E afirma:

"Minha impressão é que o elemento 'novo' dos novos movimentos sociais consiste exatamente na criação de pequenos espaços de prática social nos quais o poder não é fundamental; e não conseguiremos entender esta potencialidade enquanto a encararmos do ângulo de um poder apriorístico" (Tilman Evers, 1984:14).

Rafael de la Cruz (1987) também aponta pistas para o entendimento dos movimentos sociais. Para este A. passamos hoje por alterações significativas no modelo social existente. Em primeiro lugar, se produz uma ruptura cultural, sendo estas

transformações de valores culturais realizadas fundamentalmente pelo movimento feminista e pelo movimento de jovens. Em segundo lugar, se produz a ruptura do modelo estatal, tendo por base a ineficiência administrativa, a incapacidade de prestar serviços e a deterioração de sua legitimidade. Esta ruptura do modelo estatal estaria diretamente associada aos movimentos de bairros. E finalmente, em terceiro lugar, se produziria a ruptura do modelo de desenvolvimento, com o movimento ecologista propondo alternativas.

"Essa série de rupturas, que se traduzem nos novos movimentos sociais, sugere duas coisas: primeiro, que a sociedade do futuro será ainda mais complexa do que aquela que está atualmente se extinguindo; em segundo lugar, os padrões, que utilizamos normalmente para entender o funcionamento tradicional dos fatos políticos, não são adequados para entender as novas formas de organização. Está claro, por exemplo, que a organização escassa e frágil do movimento feminista não guarda nenhuma proporção com a extraordinária influência ideológica que exerce em todas as esferas da sociedade" (Cruz, 1987:95).

Mais recentemente, têm surgido textos³ elaborados por feministas da América Latina, que procuram pensar a relação movimento social - feminismo.

Nestes textos, as autoras recuperam alguns princípios que podem ser identificados nos movimentos sociais contemporâneos e, por conseguinte, no movimento feminista, como por exemplo: o princípio de identidade, o princípio de definição de seu adversário, a formulação de um projeto global alternativo, a busca de uma organização mais informal e a tentativa de não estabelecer formas autoritárias de liderança.

"Consideramos que el feminismo es una toma de conciencia, un método de reflexión y de acción, una filosofía de la vida de la que se deriva una actitud crítica frente a la sociedad patriarcal. Y este que es la esencia, se concreta en dos niveles: uno teórico, en donde surgen las diversas explicaciones del cómo y el por qué de la problemática de la mujer, y otro nivel que es de la acción colectiva, el de la lucha, que dá lugar al movimiento social, al movimiento feminista" (Iserra e Luna, 1985:71).

O movimento feminista estaria então, no meu entender, incluído no que se está chamando de novos movimentos sociais, trazendo em seu bojo - junto com alguns movimentos de moradores, movimentos ecologistas, pacifista, etc. - uma proposta de repensar radicalmente o social, questionando desde a relação homem-mulher, até os modelos de desenvolvimento. Faço minhas as palavras de Cristina, em artigo publicado na revista Fúria, do Chile:

"Los movimientos sociales y el feminismo en particular, a diferencia de los partidos, no se proponen cambiar la sociedad a través de la destrucción del Estado y la toma del poder, sino que a través de la búsqueda de legitimidad y consenso en la sociedad civil en torno a una propuesta alternativa de sociedad gestada por ella misma" (Cristina, 1984:15).

Alguns autores procuram relacionar as idéias do pensamento libertário ou da esquerda libertária com a dos movimentos sociais contemporâneos, entre eles o feminismo.

Lynne Segal (1984) aponta alguns dos grandes temas do pensamento da esquerda libertária, também presentes de forma central nas concepções feministas: a necessidade da autonomia para os movimentos, a importância do pessoal e do subjetivo, a

organização em torno da sua própria opressão, a recusa de todas as formas de liderança e de mudanças por etapas.

Não se teria hoje um ressurgimento do movimento anarquista, mas sim uma reapropriação e reelaboração de uma série de idéias por ele levantadas, que vão resultar no que hoje se denomina autogestão, democracia direta ou participativa, etc., fórmulas estas que, se não levam a uma sociedade sem governo (como desejariam os anarquistas), pelo menos vão aumentar de maneira bastante significativa a possibilidade de participação e de decisão dos indivíduos em suas vidas. George Woodcock chama estes movimentos contemporâneos de "neo-anarquismo". Para ele

"A recente popularidade de que desfruta o anarquismo acontece, em parte, devido a uma reação generalizada contra o atual sistema monolítico de poder. Algumas das propostas libertárias, tais como a participação direta dos trabalhadores no controle da indústria, o poder de decisão do indivíduo sobre questões que o afetam diretamente a nível local ou em maior escala, começaram a tomar forma nos anos sessenta, como parte de uma virada em direção a uma democracia participante" (Woodcock, 1981:52).

O movimento feminista estaria inserido, então, nesta visão libertária do século XX, repensando fundamentalmente os valores da sociedade contemporânea.

2. A Autonomia e o Feminismo

Os movimentos sociais em geral, ou mais especificamente os novos movimentos sociais, definem-se fundamentalmente ten

do por base e como proposta política uma organização e uma política autônomas. Nesta parte, vou trabalhar o conceito de autonomia.

No meu entender, um autor fundamental para uma compreensão do conceito de autonomia é Cornelius Castoriadis (1982). Este autor elabora a noção de autonomia tendo por base dois polos. De um lado, a autonomia em sua relação com o indivíduo e de outro, a autonomia relacionada ao social, ou coletiva.

Para Castoriadis, um indivíduo autônomo seria aquele que conseguisse o domínio do consciente sobre o inconsciente, instaurando uma relação diferente entre o discurso do Outro e o discurso do sujeito:

"Portanto, não se pode tratar dentro dessa relação também de eliminação total do discurso do Outro - não somente por ser uma tarefa interminável, mas porque o outro sempre está presente na atividade que o 'elimina'. E eis porque não pode também existir 'verdade própria' do sujeito num sentido absoluto. A verdade própria do sujeito é sempre participação em uma verdade que o ultrapassa, que se enraiza finalmente na sociedade e na história, mesmo quando o sujeito realiza sua autonomia" (Castoriadis, 1982: 129).

Segundo Castoriadis, não se pode pensar a autonomia de um indivíduo isolado, pois só tendo uma coletividade autônoma poderemos ter indivíduos autônomos e, neste sentido, o projeto de transformação radical da sociedade contemporânea pressupõe a conquista da autonomia nestes dois planos: individual e coletivo.

Ilse Scherer-Warren (1984) afirma que:

"Para Castoriadis, o movimento social caminha na busca de autonomias crescentes, no plano individual e coletivo. É através da conquista de autonomia que se geram as possibilidades de auto-instituição da sociedade, isto é, de autocriação do social. Um projeto socialista é um projeto contra as formas de heteronomia e alienação social, em prol da autonomia, e que para sua realização necessita da articulação das práxis dos vários movimentos sociais que lutam nesta direção" (Scherer-Warren, 1984: 138-139).

No meu entender, de acordo com o exposto, a noção de autonomia não pode ser compreendida de forma absoluta, isto é, um indivíduo totalmente autônomo. Procuro aqui fazer um paralelo com a discussão que se estabelece sobre o poder. Tanto em relação ao poder, quanto em relação à autonomia, o que se procura é estabelecer níveis mais democráticos nas relações (no caso do poder) e indivíduos e coletividade cada vez mais autônomos, mas continuarão existindo relações de poder desiguais e relações heterônimas entre as pessoas e grupos, em diferentes graus. Isto é, em determinados momentos, ou sociedades, teremos relações mais igualitárias e mais autônomas, em outros menos. O que se deve é trabalhar para que estes momentos positivos sejam cada vez mais frequentes e profundos.

A autonomia seria exercida e exercitada no dia a dia, no confronto dos indivíduos ou grupos. E é neste confronto que ela é definida e redefinida permanentemente.

Ao pensar em autonomia - seja individual ou coletiva - temos que necessariamente refletir sobre o poder, e, no caso, não apenas o poder central e centralizador, mas sobretudo o que está disseminado nos sujeitos e no social. Estou me referindo

à visão de Michel Foucault (1982) desenvolvida em seus trabalhos, que analisa o poder a um nível micro de exercício. Para Foucault:

"(...) o importante não é fazer uma espécie de dedução do poder, que partindo do centro procuraria ver até onde se prolonga para baixo, em que medida se reproduz até chegar aos elementos moleculares da sociedade. Deve-se, antes, fazer uma análise ascendente do poder: partir dos mecanismos infinitesimais que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como estes mecanismos de poder foram e ainda são investidos, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, deslocados, desdobrados, etc., por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de dominação global" (Foucault, 1982:184).

Para Foucault, não se pode reduzir as relações de poder ao Estado, mas sim perceber estas relações ao nível molecular.

Questionamos também, ao pensar em autonomia, o indivíduo no seu cotidiano. Neste sentido, a construção de um sujeito autônomo está ligada a mudanças ou revoluções no dia-a-dia das pessoas, nas relações face-a-face. Seria através do que Guattari (1981) denomina de "Revolução molecular" que se conseguiria a liberação dos desejos e nesse sentido a criação de uma nova revolução social. Para Guattari:

"A luta revolucionária não poderia ser circunscrita somente ao nível das relações de forças aparentes. Ela deve desenvolver-se em todos os níveis da economia desejante contaminados pelo capitalismo (ao nível do indivíduo, do casal, da família, da escola, do grupo militante, da loucura, das prisões, da homossexualidade, etc.)" (Guattari, 1981:20).

Resumindo, poderia afirmar que uma sociedade autônoma implica em uma outra cultura, no sentido de se questionar as "necessidades" impostas pelo sistema capitalista, a sociedade voltada para o consumo, as relações autoritárias e de dominação, entre os sexos e as pessoas em geral.

Alguns textos produzidos por feministas e grupos feministas procuram pensar sobre a autonomia.

A noção de autonomia colocada nestes textos está ligada a dois pontos básicos. Em primeiro lugar, à construção de uma nova identidade, através de uma reflexão contínua e permanente sobre as condições e formas pelas quais são socializadas as mulheres. Neste sentido, a proposta seria uma mudança de imagem, de dentro para fora, a partir das diferentes individualidades. Esta construção de uma nova identidade se daria fundamentalmente através dos "grupos de consciência". Em segundo lugar, e tendo como proposta uma nova identidade, se dá a generalização destas discussões que foram realizadas em pequenos grupos, e das reivindicações que dela possam ter surgido. Esta generalização pode se dar através de manifestações, grupos de apoio (como por exemplo SOS, Casas da Mulher, etc., campanhas, denúncias, etc.).

Muito esclarecedora é a defesa da autonomia feita por uma militante feminista espanhola, publicada na revista Donne y Política

"A nossa posição com respeito à autonomia é ditada pela consideração de que nós mulheres, enquanto grupos oprimido de forma específica, devemos assumir a direção de nossa luta, e por outro lado, a história nunca registrou o ca

so de um grupo oprimido que tenha conseguido emancipar-se sem ter conduzido a luta em seu próprio nome. Nós não consideramos a autonomia como um elemento de divisão entre as forças de esquerda. A divisão é mais o fruto da constante negligência dos partidos, em relação aos nossos interesses" (Cadernos da Associação de Mulheres, 1979:33).

Reflexões enriquecedoras são realizadas por Maria Luisa Marino Iserra e Lola G. Luna, em artigo publicado na revista Brujas, sobre "Feminismo y Poder". Após caracterizarem o seu conceito de patriarcado e luta feminista, as autoras levantam alguns aspectos que seriam importantes para a conquista do poder (entendido aí num sentido amplo, não se restringindo ao poder político). Os três aspectos que apontam seriam: conquistar a independência e autonomia pessoal; recuperar o nosso corpo, e reivindicar nossa cultura. Para Maria Luisa e Lola, a conquista da independência e autonomia seria o eixo principal:

"Este seria para nosotras el eje principal de nuestra lucha, pues sólo a partir del momento en que voy tomando el poder sobre mi misma, en que voy pasando de ser objeto al servicio de los demás a ser sujeto de mi vida, estoy imponiendo un cambio de las relaciones de poder patriarcales en todo el ámbito social en que me desenvuelvo, pero muy principalmente en la familia, principal institución utilizada por el sistema patriarcal para colonizar nos" (Iserra e Luna, 1985:77-78).

Um texto que tem a preocupação de definir o que seria autonomia é o elaborado pela "Equipo de Trabajo Casa de la Mujer", da Colômbia. Nele as autoras afirmam:

"La autonomía no es aislamiento, ni desvinculación de otros movimientos sociales y políticos, la autonomía es un derecho que nos hemos ganado contra años de sumisión, sub-

valoración, utilización. La autonomía es para autodeterminarnos en lo político, en lo individual, en lo afectivo, lo sexual, lo teórico, lo organizativo, la creación, la reproducción, es decir, en todas las instancias de lo humano, autonomía para definir estrategias, alianzas reivindicaciones, en una palabra, autonomía para SER y dejar de ser en razón de los otros (as)" (Equipo de Trabajo Casa de la Mujer, 1985:18).

Ao analisar as consequências de uma política autônoma, as Autoras apontam: a redefinição do indivíduo, do social e da cultura, levando à desestabilização da submissão e da passividade; a expressão de múltiplas individualidades; a construção de um espaço solidário de apropriação e produção de conhecimento; a necessidade de reconstrução de nossa história coletiva e individual, entre outras.

Um outro texto que discute a noção de autonomia é o "Documento presentado por el comité de coordinación de organizaciones feministas al Encuentro Feminista Latinoamericano de Colombia", nele é colocado o porque de um movimento autônomo:

"Postulamos un movimiento de mujeres autónomo, entendiendo la autonomía como la no dependencia de ninguna organización que considere la lucha por la liberación de las mujeres como un aspecto secundario. Creemos firmemente en la necesidad de preservar un espacio propio para el encuentro de mujeres con mujeres que nos permita intercambiar experiencias y analizar colectivamente nuestra situación de opresión sin olvidar la dimensión social. Subrayamos la necesidad de reconocer los ritmos temporales diferenciados de la lucha feminista y la búsqueda de su interrelación con el proceso histórico social. En este sentido, la autonomía del movimiento no se define como autonomía del acontecer social ni de las ideologías, sino como

un momento indispensable de la lucha social" (Revista Mu-
jer y Sociedad, 1981:24).

Este documento apresenta também algumas visões que surgiram no debate sobre autonomia: 1. A autonomia se dá em referência a algo ou alguém; 2. As organizações feministas devem ter autonomia orgânica, mas seus objetivos estão relacionados com os interesses da classe operária, pela supressão da opressão. Segundo o documento, no painel as feministas francesas fizeram menção à necessidade de se ter quatro tipos de independência: econômica, política, ideológica e erótica.

Luz Helena Sanchez, em seu artigo "Vamos haciendo camino" aborda pontos fundamentais para uma reflexão crítica sobre o movimento feminista. Segundo a Autora, o que geraria, em última instância estes indicadores nada satisfatórios da condição da mulher e seria a base da ordem presente, é a ideologia patriarcal machista. Neste sentido, as feministas reivindicariam urgentemente uma ruptura no interior desta ordem social. Para Helena Sanchez, este processo de ruptura tem necessariamente de ser feito de forma independente, através de organizações não hierárquicas, sendo um trabalho lento de construção de uma nova identidade individual e coletiva:

"Pretender nosotras buscar la protección de cualquiera de estas instituciones de poder es perpetuar un 'yo' femenino subyugado a las condiciones que impone la ideología patriarcal agenciada, en lo más concreto, por el poder del hombre, el partido, el estado. No veo posible en este momento que sea el mismo poder que queremos destruir el que nos elabore un discurso-practica que nos permita la recreación de nuestra identidad, a nivel de la percepción

de nuestro cuerpo-mente-sexo, y la posibilidad de relacionarnos con otra dimensión. Considero absolutamente necesario un momento de autonomia, mediado por una ruptura, por un alejamiento temporal-espacial de cualquier estructura de poder, llamese como se llame" (Sanchez, s.d.: 83).

A autora justifica a necessidade de autonomia baseada nos seguintes fatos: romper com todo o processo de socialização autoritário e dominador que se exerce sobre a mulher, buscando uma nova identidade baseada em indivíduos livres e relações sociais igualitárias.

Os diferentes enfoques que o movimento feminista deu à noção de autonomia e a crítica das formas de poder (que transitam do macro ao micro e vice-versa) são elementos inerentes à construção de algumas das utopias feministas de transformação mais radical, objeto desta pesquisa.

Ao analisar o discurso das entrevistadas, vou pois procurar explicitar sua visão de feminismo, identificando de que forma definem autonomia, poder, etc. Terei assim elementos para traçar alguns perfis que norteiam as práticas e concepções deste movimento, hoje, no Rio de Janeiro, bem como as transformações em sua trajetória.

Por outro lado, pelo quadro exposto neste capítulo, podemos perceber que o feminismo, e as concepções acerca do mesmo, se diversifica, sendo necessário estudar cada época e cada situação específica para podermos caracterizá-lo e defini-lo de maneira mais adequada.

NOTAS

- ¹ Acerca da denominação "grupos de autoconsciência" ou "grupos de reflexão" ver a discussão que Anette Goldberg (1987) desenvolve em sua tese, explicando o porque da opção, no Brasil, do nome "grupo de reflexão" - justificadas por mulheres que achavam que a palavra autoconsciência poderia ser confundida com militância política.
- ² Quando falo aqui em não partidarização ou instrumentalização, isto não significa negar a participação de membros destes movimentos em partidos políticos, sindicatos, etc., ou mesmo que estes movimentos procurem influenciar estas outras instâncias de participação. Segundo este ponto de vista, esta participação não deve significar a desistência ou secundarização da defesa dos seus interesses específicos.
- ³ Ver, entre outros, as revistas: Brujas, las mujeres escriben (Medellín, Colombia); Furia (Santiago, Chile); Que hacemos? (Santiago, Chile); Mujer y sociedad (Lima, Peru); Que pasa mujer? (Bogotá, Colombia).

C A P Í T U L O I I I

OS GRUPOS E AS ENTREVISTADAS

Uma parte de mim
é todo mundo
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão

.....
.....

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

(Traduzir-se - Ferreira Gullar)

A avaliação, que se faz do movimento feminista no Rio de Janeiro, aponta claramente para uma mudança de característica na forma de organização: estão diminuindo os grupos de reflexão e também os grupos que, além da reflexão, têm uma proposta de atuação mais direta e imediata no social.¹

Os grupos, existentes na época da pesquisa, eram pequenos e alguns deles, apesar de existirem nominalmente, na prática não estavam estruturados e em funcionamento. Como exemplo podemos citar o Centro da Mulher Brasileira (CMB), que se restringia a quatro pessoas que não mais se reuniam (mas que também não conseguiam assumir o "fim" do grupo); o grupo CERES, que apesar de ainda existir enquanto sigla, não se reunia há meses e, segundo uma de suas participantes, se tornou um "grupo de amigas" que se encontravam para festejar aniversários ou bate-papos.

"Quer dizer, esse grupo que eu vivi essa experiência de reflexão, foi um grupo que se propôs a um regime fechado, não era um grupo aberto à entrada de outras mulheres, foi um grupo que teve um momento muito rico de reflexão que se sucedeu a um momento de produção, foi produzido um livro, uma pesquisa. E de repente o grupo parou de produzir também. O que é esse grupo hoje? É um grupo de amigas, nós somos amigas, e a própria regularidade das reuniões que originariamente eram semanais e depois quinzenais e ultimamente começaram a ser encontros mais ocasionais, por comemoração de aniversário, de almoço, jantar de final do ano. Então isso não é um grupo de reflexão feminista, não é mais o chamado grupo autônomo" (C.).

Com uma atuação mais concreta no Rio de Janeiro tínhamos o SOS-Mulher, que contava com seis mulheres; o NÓS MULHERES, que num primeiro momento se estruturou em torno do mandato da depu-

tada Lúcia Arruda (PT-RJ) e reunia cerca de 25 mulheres que discutiam fundamentalmente saúde da mulher, sexualidade e violência, tendo como proposta básica uma atuação concreta e uma incorporação cada vez maior de mulheres ao feminismo.

O grupo MARIA-MULHER, de Niterói, reunia cerca de 10 mulheres, todas elas vinculadas a órgãos do Estado ou Município (LBA, postos de saúde, etc.) e tinha um trabalho ligado basicamente à discussão da saúde e sexualidade. Este grupo é bem específico, por ter uma vinculação forte (mesmo que não explicitada) com as instituições a que as participantes pertencem. Há um dado interessante a registrar. Na entrevista, as duas participantes deste grupo não acharam problemática essa relação ou que a possível dependência da instituição fosse prejudicial a um desenvolvimento autônomo do grupo. Certo tempo depois, uma das integrantes do mesmo (por sinal uma das entrevistadas) foi impedida, por sua chefe, de participar das reuniões, feitas em local de trabalho e durante o expediente.

Existia também ainda o COLETIVO DE MULHERES, um dos grupos mais antigos do Rio de Janeiro (originado do primeiro racha do CMB) com cerca de seis mulheres participantes; uma de suas atividades principais era a edição do jornal Sexo finalmente Explícito.

O depoimento de uma das entrevistadas dá uma idéia clara da modificação que vem ocorrendo no número de militantes do movimento feminista:

"Então eu acho que as mulheres que estão nesses grupos, os números hoje são muito menores do que em 80. O Coletivo de Mulheres chegou a ter em 80, numa determinada é-

poca, 70 mulheres. Só o Coletivo era mais do que todos os grupos que tem hoje no Rio" (L.).

O único grupo que poderíamos considerar como continuando a ser basicamente de reflexão era o MULHERANDO, que reunia umas oito mulheres e, com cerca de três anos, era ainda bastante novo em relação aos outros.

Outro grupo atuante, que tinha como característica reunir profissionais de Direito, era o OAB-MULHER. Começou com uma estrutura independente, mas acabou sendo incorporado à Ordem dos Advogados do Brasil. O caso do OAB-MULHER é interessante, na medida em que este grupo não tem as características tradicionais de um grupo feminista. Contudo, no momento, está diretamente envolvido com o movimento no Rio de Janeiro, participando de manifestações, assinando notas e se posicionando claramente pelas bandeiras feministas, embora em seu regimento não esteja explicitada a questão do feminismo, até mesmo por ser uma entidade de uma categoria profissional.

Tínhamos ainda em atividade no Rio de Janeiro o grupo LIBERDADE MULHER, mais diretamente ligado ao PC do B e os grupos de mulheres dos partidos políticos, como PDT, PMDB, etc. No caso de nossa pesquisa, optamos por entrevistar os grupos basicamente feministas, sem ligação partidária direta e que fossem reconhecidos enquanto entidades feministas.

As feministas que entrevistamos (total de 11) participavam dos seguintes grupos do Rio: Centro da Mulher Brasileira (1); SOS-Mulher (1); Nós-Mulheres (3, sendo que uma tinha saído há pouco tempo do SOS-Mulher); Mulherando (1); Coletivo de Mulheres (1); Grupo Ceres (1); Maria-Mulher (2); e OAB-Mu-

lher (1).

Ao esboçar o perfil das entrevistadas, pudemos verificar que, em sua grande maioria, este corresponde àquele que até bem pouco tempo era atribuído às participantes do movimento feminista: mulheres de classe média, intelectualizadas, nível superior de escolaridade, etc., perfil este que, pelo verificado nos últimos encontros nacionais feminista, hoje parece que começa a se alterar.

A faixa etária das entrevistadas em sua maioria está entre 31 e 50 anos (2 com menos de 31 anos; 6 entre 31 e 40 anos e 3 entre 41 e 50 anos).

Os dados referentes à idade, coletados no III Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe (ocorrido em Bertiooga-SP, em 1985) e no 8º Encontro Nacional Feminista (Petrópolis-RJ, 1986), confirmam esta tendência, mas começam também a indicar uma renovação no movimento feminista.²

Em Bertiooga, as 490 brasileiras, que participaram do Encontro, se distribuía assim:

	TOTAL (848)		BRASIL (490)	
	NA	%	NA	%
Até 25 anos	92	10,8	60	12,2
26 a 30 anos	168	19,8	99	20,2
31 a 35 anos	183	21,6	102	20,8
26 a 40 anos	144	17,0	83	17,0
41 a 45 anos	90	10,6	56	11,4
mais de 46 anos	84	9,9	35	7,2
sem resposta	87	10,3	55	11,2

No Rio, no Encontro de Petrópolis, o quadro era o seguinte: 42% das participantes estavam na faixa de 31 a 40 anos e 20% das participantes tanto na faixa de 26 a 30, quanto na de 41 a 50 anos. Neste encontro, como em Bertiooga, já se tinha 32,5% de participantes com até 30 anos de idade e, embora não se tenha o registro dos encontros nacionais anteriores, acredita-se ser este dado significativo, na medida em que existe um indicativo do aumento também de mulheres jovens interessadas no feminismo.

Até bem pouco tempo atrás, uma brincadeira corrente entre as feministas era que o movimento estava se acabando e iria se extinguir com o tempo, pois as feministas estavam envelhecendo e não existia renovação no movimento.

Profissionalmente todas as entrevistadas estão situadas dentro do campo que costumamos chamar de profissionais liberais. São sociólogas (3), advogadas (2), médica, enfermeira, professora, etc.

Mais uma vez estes dados se apresentam nos levantamentos feitos em Bertiooga e Petrópolis.

Bertiooga - Grau de Instrução

	TOTAL	(848)	BRASIL	(490)
	NA	%	NA	%
Primária	60	7,1	54	11,0
Secundária	112	13,2	70	14,3
Universitária	658	77,6	353	72,0
Sem resposta	18	2,1	13	2,7

Em Petrópolis, 70% das feministas que responderam ao questionário tinham nível superior. Os cursos que mais aparece-

ram foram:

Ciências Sociais/Sociologia	44 mulheres
Serviço Social	38
Psicologia	25
História	21
Direito	20

O registro do 8º Encontro Nacional Feminista apresenta outro dado, que pode indicar uma diversificação maior das mulheres que estão participando e/ou interessadas no feminismo: a presença de 110 mulheres com nível de escolaridade que variava de nenhum a segundo grau. Foi registrada também a participação de trabalhadoras rurais e mulheres de periferia.

E, finalmente, entre as entrevistadas, 8 tinham tinham filhos e 7, na época da pesquisa, eram casadas ou viviam com alguém.

O movimento feminista parece estar passando por um período de transição. São indicadores disso o precário funcionamento dos antigos grupos, o questionamento que as feministas fazem de seu trabalho e a entrada no movimento de elementos novos, com duas características importantes: mulheres mais jovens (renovando do ponto de vista cronológico) e mulheres de outros segmentos sociais (renovando do ponto de vista de inserção social).

NOTAS

¹Para maiores detalhes sobre estas formas de organização, ver capítulo V..

²Os dados sobre o III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe e sobre o 8º Encontro Nacional Feminista foram retirados das seguintes publicações, respectivamente p. 101 e p. 5.

- a) ENCONTRO FEMINISTA LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 3, São Paulo, jul. 31 - ago. 4, 1985. São Paulo, Fundação Ford, 1985. 102 p. il.
- b) ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA, 8, Petrópolis, ago. 07-10, 1986. Registro... (Brasília), Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 1987. 69 p. il.

Se tomarmos por base as definições aqui propostas (feminismo liberal, feminismo marxista, feminismo radical e feminismo socialista) e procurarmos reportá-las ao Brasil, alguns pontos nos chamam a atenção.

Por um lado, a não explicitação, de forma clara, destas correntes no movimento feminista brasileiro. A este respeito é bastante esclarecedora a tese de Anette Goldberg "Feminismo e Autoritarismo. A Metaforfose de uma Utopia de Liberalização em Ideologia Liberalizante" (Goldberg, 1987). Nela a autora reconstitui o surgimento do movimento feminista no Rio de Janeiro a partir da criação do Centro da Mulher Brasileira (CMB), até sua divisão em 1979, faz um paralelo entre a construção do feminismo no Brasil e o regime autoritário e mapeia as diferentes orientações ideológicas presentes no interior do CMB, em contraposição àquelas que se expressaram, na mesma época, no feminismo brasileiro do exílio.

Por outro lado, a partir do "racha" do CMB (1979), começam a ficar mais clara a postura de algumas mulheres alinhadas com o que estamos chamando de "feminismo radical" e "feminismo socialista".

Uma das características do feminismo no Brasil foi o seu surgimento em um momento em que se faziam difíceis outras formas de participação e luta contra o regime autoritário, instalado em 1964. Nesse sentido, uma parte das mulheres que chegaram ao feminismo o fizeram como meio de ter uma participação política, utilizando até mesmo o movimento feminista como "disfarce" para sua atuação e como maneira de arregimentar outras mu-

lheres para sua posição política e/ou filiação no seu partido. Uma visão "instrumentalizadora" do movimento foi a primeira relação com o feminismo, inclusive de algumas mulheres que hoje criticam este tipo de utilização dos movimentos sociais, em geral, e, em particular, do movimento feminista.

Boa parte das entrevistadas passou por momentos semelhantes em sua trajetória até o feminismo. Em primeiro lugar, constata-se a influência do pensamento de esquerda na sua formação e algum tipo de militância contra o regime autoritário existente em nosso país, tendo elas participado de movimento estudantil, partidos de esquerda (que na época viviam na clandestinidade), etc. Sete das onze entrevistadas tiveram este tipo de envolvimento.

Um segundo ponto de contato é que, muitas delas, começaram a participar do movimento feminista ainda ligadas a esses partidos e inclusive se engajando nele no cumprimento de uma "tarefa" partidária.

"Durante anos eu era uma militante comunista que não tinha a menor preocupação com essa questão da mulher" (C.)

Uma das entrevistadas diz que, ao ter como tarefa de seu partido trabalhar em favelas, notou a falta de participação das mulheres:

"E, de repente, a gente estava conversando sobre isso e o partido resolveu que a gente podia ter um grupo de mulheres. Mas o objetivo mesmo da formação desse grupo era discutir as coisas da ditadura" (B.) (Grifado por mim).

O terceiro ponto em comum é que este contato com o movimento de mulheres, e mais especificamente com o movimento fe-

minista, vai fazer com que elas comecem a refletir sobre seu papel enquanto mulher, sobre sua identidade, e a sentir, a partir daí, toda uma discriminação que existia dentro de seus partidos, na sociedade em geral e que em grande parte era internalizada.

"Então eu vim por esse caminho da política. Eu acho que eu tinha uma consciência feminista, de coisa dos direitos, da igualdade, de buscar o espaço. Eu tinha isso, acho que até racionalmente, mas eu acho que emocionalmente não tinha. Eu achava que eu valia menos, que eu não tinha condições de ter a mesma discussão política, a mesma reflexão que os meninos que trabalhavam comigo no sindicato. Então essa coisa de recuperar a sua valorização mesmo, eu acho que foi com o feminismo, começando a vivê-lo não como uma bandeira meio distante, mas a partir de uma reflexão individual. Prá mim esse foi o caminho, não foi a coisa do social, da consciência, que levou ao caminho do feminismo, foi a coisa da reflexão individual mesmo" (CR.)

É claro que não nego a importância do movimento feminino. Este vai somar forças na luta pela melhoria das condições de vida de grande parte da população, mas no que se refere ao pensar e refletir sobre o que significa ser mulher, o papel que esta é educada para desempenhar em nossa sociedade, a tomada de consciência de seu corpo e sexualidade, entre outras, são questões enfocadas pelo movimento feminista e, mais especificamente, pelo feminismo radical e/ou socialista.

As palavras de uma das entrevistadas são bastante significativas, para demonstrar as transformações que o feminismo trouxe para a vida dessas mulheres.

"Então aconteceu comigo uma coisa muito boa, e que de

ve acontecer com muitas mulheres, que foi me contaminar por dentro, sentir a alma contaminada por esse questionamento mais profundo que os partidos políticos e a esquerda de um modo geral, até então não tinham dado conta" (C.).

O relacionamento entre feminismo e a esquerda - conflitivo e por vezes até hostil - nutriu-se exatamente da incapacidade dos partidos de incorporar a especificidade da opressão da mulher, seja a nível teórico, seja em sua prática política. Os partidos não compreenderam a importância do pessoal e do doméstico, no processo de transformação da sociedade.

Uma explicitação mais clara dos feminismos no Brasil está ligada, entre outras coisas, ao contato que as feministas vão ter com mulheres brasileiras que voltam do exílio e ao processo de "abertura" política, que amplia o leque de possibilidades de participação na sociedade como um todo.

As brasileiras que retornam da Europa, em grande parte, vieram reforçar o ponto de vista das feministas radicais, trazendo consigo a crítica, que o movimento feminista fazia lá fora, ao patriarcalismo e à estrutura hierárquica e autoritária dos partidos e da sociedade em geral. Três das entrevistadas tiveram este contato com o feminismo na Europa.

A partir daí os diferentes enfoques passam a tomar forma mais definida e a "unidade" estabelecida entre as posições liberal, marxista (que o atrelava à luta "geral") e radical, começa a se esfacelar.

A visão, colocada por grande parte das entrevistadas, em relação a esse processo de maior definição das diferentes posições dentro do movimento feminista no Brasil (e no Rio de Ja-

neiro), é positiva.

"O que aparentemente significou um grande racha, porque aqui no Rio houve e em São Paulo também, eu acho que não foi um racha que dividiu correntes, foi assim até um crescimento, um amadurecimento. A gente começou a conviver, com o passar desses dez anos, cada vez um pouquinho melhor, com a idéia de que independentemente desses partidos, independentemente da nossa formação, das visões diferentes, a gente tinha uma coisa que nos unia, que era essa questão da opressão da mulher" (C.).

Como bem disse uma das entrevistadas, "as visões do feminismo são quase tantas quanto são as feministas", vamos pois verificar como as nossas entrevistadas estão definindo os seus feminismos.

Um ponto, sempre abordado durante as entrevistas, é a colocação do feminismo como um movimento de busca de identidade das mulheres em geral e de cada uma individualmente. Várias entrevistadas afirmam que o feminismo fez com que se encontrassem enquanto mulher, individualmente, e este encontro é valorizado como um dos pontos fundamentais do próprio feminismo.

"Para mim o feminismo era uma forma de eu entrar em contato com o meu eu mulher. O feminismo para mim foi a forma como eu despertei, me deu o mote prá descobrir o que é ser mulher, lutar por esse mulher, transformar isso em bandeira, em atuação. Prá mim o feminismo é a possibilidade de você tomar consciência enquanto mulher" (LU.).

Fazer aflorar a subjetividade como uma questão a ser levada em conta é uma das contribuições importantes do feminismo.

"A gente tem que discutir, que ao longo da história a

mulher pode desenvolver inclusive uma capacidade de sentir diferente do homem, e isso tem que ser incorporado agora em termos políticos. A política, prá nós, é a política pessoal também. O pessoal é político. As relações individuais, interpessoais, intersexuais, são políticas também. Tudo é político" (R.).

Uma outra questão, levantada nas entrevistas, é a visão do feminismo como um movimento cultural. É ressaltada a importância do feminismo na mudança de mentalidades, enquanto um movimento de idéias que propõe a construção de uma nova mentalidade em relação à mulher (e conseqüentemente em relação ao homem). O papel educativo do movimento é salientado.

"A questão da mulher é uma questão que você não resolve, a maioria dos problemas não dependem simplesmente de medidas de governo, de modificação de lei, nada disso. São coisas realmente de mentalidade, de comportamento cotidiano das pessoas, que estão muito enraizadas nelas e inclusive a nível emocional, a nível psicológico, que tem a ver com a integridade emocional e psicológica das pessoas, tanto prá mulheres como pros homens" (L.).

Para uma das entrevistadas, o movimento feminista no Brasil já estaria, além de propagandeando idéias, construindo uma nova prática social, através da formação de grupos não hierarquizados, da apropriação de seu próprio corpo e de práticas médicas alternativas (F.). Para outra, o feminismo no Brasil ainda se colocaria fundamentalmente a nível do discurso (H.).

Dentro dessa concepção de mudança de mentalidade, de movimento cultural, o movimento feminista não se proporia a ser um movimento parcial mas, para algumas, ele seria uma nova visão de mundo, tendo compromissos com a transformação social e

com a transformação qualitativa da vida.

"(...) uma tomada de consciência de mulheres e homens em relação à forma alternativa de vida, e não a uma vida alternativa. Uma alternativa de vida construída em cima de outros valores, de valores assim de respeito às diferenças, e que diz respeito a um princípio básico de que as diferenças entre homens e mulheres não podem ser traduzidas em desigualdades. Quer dizer, o feminismo é um processo de conscientização que deve ser tomado por todas as pessoas: homens e mulheres" (C.).

Cerca de quatro entrevistadas defendem explicitamente o feminismo como um movimento de massas. Nesse sentido, uma das tarefas básicas das feministas militantes seria a ampliação deste movimento, visando abranger um número cada vez maior de mulheres.

"Ter esse papel de vanguarda, mas ao mesmo tempo ter um papel de ampliar, de trazer essa questão pra mulher comum que ainda não foi desperta" (A.).

Esta ampliação se daria através da penetração da "questão da mulher" em todos os espaços - seja nos sindicatos, nas associações de moradores, nos clubes de mães, etc.

Um outro ítem apresentado, que separaria algumas visões do feminismo no Brasil, foi a abordagem ou não da questão da sexualidade e, de modo especial, do controle sobre seu próprio corpo. Neste caso, mais especificamente o direito ao aborto seria como um "divisor de águas", dentro do movimento.

"O aborto diferencia muito as feministas: aquelas que topam discutir a sexualidade como uma questão que é preciso revolucionar e tem aquelas que omitem, que falam só da mulher-cidadã, da igualdade de direitos e não falam das di

ferenças, das subjetividades que são inerentes à mulher" (F.).

"Eu me assumo como feminista sempre, e defendo as questões mais complicadas do feminismo, como a legalização do aborto, por exemplo, e que é uma coisa que silenciou muitas mulheres que tinham vinculação com a Igreja" (C.).

Algumas feministas salientaram a existência de diferenciação de classe entre as mulheres, mas indicando que a questão de gênero perpassaria todas as classes sociais e, nesse sentido, seria esta especificidade que uniria o movimento.

"É claro que você não pode esquecer a contradição da sociedade capitalista, que é a questão da classe. Eu, por exemplo, não ignoro, mas afirmo que a contradição existente entre homem e mulher é muito mais permanente que a relação de classe" (H.).

Outras chamaram a atenção para a construção de uma nova prática social que o movimento propõe, através de uma organização não centralizada, estruturada de forma não hierárquica e não autoritária. Ressaltando que o eixo central do movimento seria o combate ao patriarcalismo e entendendo o feminismo como um movimento de desobediência, questionador das relações de poder estabelecidas em nossa sociedade.

"Então a coisa principal hoje é a defesa da nossa diferença. Não é tanto a igualdade que a gente quer, mas o respeito à diferença. E achamos que só se atinge a igualdade de plena quando as diferenças são respeitadas, a igualdade em termos de liberdade, tudo isso está ligado ao respeito à diferença e à questão do poder. Temos que discutir isso em profundidade e ver que o poder dos homens é um poder destruidor, predatório e violador da integridade das pessoas e da própria vida da natureza" (R.).

CAPÍTULO V

A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO: A QUEBRA DE UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!

(Das Utopias - Mário Quintana)

Os grupos de reflexão ou auto-consciência e os grupos de atuação ou ação constituem a estrutura organizacional básica do movimento feminista.

O primeiro deles, o grupo de reflexão, tem como proposta fazer com que através de conversas, trocas de experiências, etc., as mulheres passem a identificar seus principais problemas, não mais como questões exclusivamente individuais, mas sim fazendo parte de uma problemática coletiva, gerada por uma sociedade patriarcal e machista.

A transformação da estrutura social vigente se daria a partir do próprio grupo, via alteração de comportamentos e posturas no cotidiano de cada uma. Estes grupos realizam o trabalho de auto-consciência, tanto através de estudos quanto de relatos de experiências pessoais, que são discutidos coletivamente. Os grupos procuram se organizar de forma horizontal, tentando estabelecer uma relação igualitária entre as participantes.

O segundo deles, o grupo de ação, já se estrutura com uma perspectiva de atuação mais direta e imediata no social, funcionando como grupo de pressão. Organizam manifestações, atos públicos, abaixo assinados, etc., denunciando e exigindo alterações concretas e imediatas nas leis e costumes que discriminam as mulheres.

É claro que a diferenciação entre estes dois tipos de estrutura, dentro do movimento feminista, nem sempre é tão nítida assim. Normalmente os grupos de reflexão ou auto-consciência têm atuação concreta, assinando notas, participando de manifes-

tações, etc., e os grupos de atuação ou ação fazem discussões internas, visando uma compreensão maior de seus problemas por parte das mulheres participantes. O que se pode diferenciar é o eixo principal de cada um dos grupos.

Uma outra forma de organização, que o movimento feminista brasileiro vem utilizando, são os Encontros Nacionais Feministas e os Encontros por temas de atuação e estudo (por exemplo Saúde da Mulher, Violência, etc.). Esses Encontros procuram realizar uma troca de experiência e vivência entre os diversos grupos ou mulheres participantes. A estrutura desses encontros é pensada no sentido de propiciar às participantes o máximo de liberdade, não havendo o propósito de se tirar diretrizes ou propostas rígidas para serem executadas, de forma fechada, pelos diferentes grupos do Brasil.

Um outro aspecto importante da organização do movimento feminista (apontado, embora de forma menos acentuada, nos outros movimentos sociais contemporâneos, também chamados novos movimentos sociais) é a sua estrutura organizacional bem menos rígida e centralizadora do que nos movimentos mais tradicionais.

Esta relativa "dispersão" do movimento feminista em pequenos grupos, descentralizados, com diferentes perspectivas de atuação faz com que muitas vezes seja difícil avaliar sua forma e potencial de abrangência. Se formos utilizar as "medidas" tradicionais, como número de pessoas envolvidas diretamente, número de grupos organizados, etc. a tendência é classificá-lo como um movimento fraco.

Mas, ao mesmo tempo, se formos avaliar a penetração das idéias feministas na sociedade em geral, iremos constatar um grande incremento no que se refere à aceitação das mesmas.

De uns anos para cá verifica-se uma mudança significativa no número de participantes dos Encontros Nacionais Feministas. Até o momento, foram realizados nove Encontros Nacionais, e o número de mulheres participantes apresentou um crescimento significativo a partir do 8º Encontro de Petrópolis, em 86. Participaram cerca de 700 mulheres, enquanto que no ano anterior, em Belo Horizonte, o número foi de 150. Em Garanhuns - PE, em 87, o número de mulheres participantes girou em torno de 800. Neste repetiu-se a diversidade social, ocupacional e etária já observada em Petrópolis, com a participação de trabalhadoras rurais, sindicalistas e um grande número de jovens, que estavam entrando em contato com o feminismo pela primeira vez.

O crescimento do movimento - ao mesmo tempo em que se constata uma desestruturação dos chamados grupos de reflexão e/ou ação - traz à tona duas perguntas. Primeira, o que provoca a desestruturação desses grupos, e segunda, que forma o movimento feminista está tomando.

Tendo por base as entrevistas e a observação que realizei do movimento feminista no Rio de Janeiro (participando de encontros, através de contatos com participantes do movimento, etc.) pude verificar algumas tendências, na época da pesquisa. Entre elas destaco:

- a) a diminuição dos grupos feministas, sejam eles de reflexão ou de ação;

- b) um aumento das chamadas "feministas autônomas";
- c) uma crescente tendência à institucionalização dos grupos ou uma atuação mais institucional das feministas;
- d) um aumento considerável do número de mulheres participantes dos encontros feministas;
- e) um maior interesse dos outros movimentos sociais em relação às idéias e propostas feministas.

A análise destas tendências talvez nos ajude a entender melhor os rumos que o movimento está tomando. Vamos então por partes.

Em relação à diminuição dos grupos feministas, uma série de hipóteses é levantada para explicar tal fato. Uma delas questiona o tempo de vida dos grupos (mais especificamente dos grupos de reflexão). Não podemos esquecer que estes grupos eram, na sua maioria, relativamente pequenos e foram se consolidando através de fortes laços de amizade, construídos junto com o processo de reflexão. O fechamento destes grupos (o que é compreensível na medida em que nele se aprofundavam questões bastante pessoais) faz com que aos poucos esta relação vá se esgotando.

"Bom, tem uma outra questão também que tem que ser discutida quando a gente fala nisso, que é o problema do 'time', do tempo de vida de um grupo feminista autônomo. Eu questiono isso. Quer dizer, eu questiono a eternidade de um grupo autônomo. Eu fiz parte de um grupo de reflexão durante dez anos, até praticamente o ano passado e a gente teve todo o tipo de experiência. Experiências riquíssimas enquanto troca, enquanto grupo de reflexão, e num determinado momento prá mim, esse grupo começou a ter uma certa

sensação de coisa vivida, de casamento velho. Então eu acho que na vida tudo passa, tudo acaba, o casamento acaba, a gente morre" (C.).

Uma das entrevistadas chama a atenção para o clima emocional criado nestes grupos. O "fechamento" na maior parte das vezes não é explícito, mas as componentes do grupo se organizam de uma forma que não abre a possibilidade de outras pessoas participarem. O objetivo, nessa concepção, seria que mais e mais grupos fossem criados, e não o crescimento dos existentes.

"No Rio tem o fórum feminista do Rio, não tem mais grupo praticamente. Todo mundo que se sente feminista vai no fórum. São pessoas que se aproximam por assuntos que lhes interessam e se afastam e se aproximam. Eu acho que isso é bem característico do movimento, porque os grupos tendiam a ser fechados, mesmo não tendo uma hierarquia, uma estrutura formal, acabavam fazendo uma estrutura informal e emocional muito profunda, então você não entrava" (M.).

Uma outra questão levantada é que, no início do movimento feminista no Brasil, na época da criação dos primeiros grupos (1975), sejam eles de reflexão ou ação, o espaço, existente na sociedade, para a discussão das questões referentes à mulher era muito pequeno.

A importância dessa discussão era negada, tanto por setores da esquerda, que colocavam como central as lutas mais "gerais" contra a ditadura, criticando o movimento feminista como um enfraquecedor e divisor das "forças progressistas", quanto por setores mais à direita, que entendiam estar o papel atribuído à mulher em nossa sociedade, de acordo com as "leis" da natureza. Nesse momento então, a criação de espaços que possibi

litassem essa discussão (através de grupos de reflexão ou de grupos de ação, que buscavam alterações mais imediatas contra a discriminação da mulher) era fundamental para um crescimento individual e coletivo das mulheres, era a conquista na prática da legitimidade da discussão.

Hoje, poderíamos dizer que este espaço se amplia. Já se aceita a tão falada "questão feminina" como um fato que tem de ser discutido, pensado e resolvido. É um tema que está no dia-a-dia das pessoas (na TV, jornais, etc.). Ora, talvez essa aceitação mais generalizada se reflita também em uma possibilidade maior de que essas reflexões, que eram feitas de maneira mais sistemática em pequenos grupos, sejam realizadas informalmente, no cotidiano, com pessoas diversas e em lugares diversos. Por outro lado, os grupos de ação, mais explicitamente preocupados com alterações imediatas, também passam a ter um espaço mais legitimado, até mesmo a nível institucional.

"Eu, por exemplo, tenho vivido a experiência de fazer reflexão feminista com mulheres que são de grupos, que não são do meu grupo, que não são feministas ditas como tal, e que, por uma questão até de acesso, eu consigo ter uma troca, viver uma experiência de reflexão feminista" (C.).

"Então a reflexão feminista acontece sempre. E isso acontece quando a gente se encontra nos bares, quando a gente lê uma matéria no jornal" (H.).

O movimento feminista assume hoje em dia, cada vez mais a característica de um movimento cultural mais abrangente, e não apenas de movimento social, num sentido restrito.

Uma outra hipótese, levantada para explicar a desestruturação dos grupos feministas e a atual tendência para um

trabalho mais institucional, está ligada ao que estamos chamando de "quebra da utopia". Explico melhor.

Nos primeiros anos do feminismo, um grande número de mulheres que dele vieram a participar, fizeram-no com a perspectiva de ingressar num movimento que tivesse como proposta a realização integral do ser humano e uma nova forma de sociabilidade. A expectativa era de finalmente conseguir realizar um trabalho em que acreditassem, sem a antiga e profunda dicotomia existente entre a vida e a política. Uma "militância" diferente, onde a alegria e o prazer fossem valorizados, sem que isso significasse "alienação" ou "desbunde".

A busca desta nova maneira de fazer e viver a política vai ser um dos grandes eixos do feminismo, mais especificamente do chamado feminismo radical.

Neste primeiro momento, o feminismo olha para fora, e critica de modo radical a discriminação que a mulher sofre (inclusive dentro dos partidos de esquerda), a ideologia patriarcal que perpassa a sociedade como um todo e a forma hierárquica e autoritária dos partidos e movimentos se estruturarem e se relacionarem.

Num segundo momento, este olhar começa a se voltar para dentro. As feministas passam a identificar o autoritarismo, a hierarquia, a discriminação, em seu próprio movimento. Aí o desencanto, a quebra da utopia.

"Agora, eu acho também que houve um desencantamento, isso prá mim, um desencantamento com o feminismo. Porque se de um lado tudo eram flores, por outro, quando você vai vivendo as contradições, as manipulações que também exist-

tem, as fofocas, sabe, este tipo de coisa foi me afastando um pouco do convívio com algumas outras feministas" (H.).

"Existia rasteira, sacanagem, ciúme, coisa correndo por trás dos panos. Eu inclusive conheço, um monte de mulher aqui no Rio que largou o movimento porque teve um conflito também com uma mulher do movimento. Achou que foi saaneada, que aquela coisa foi transada desonestamente e abandonou o movimento por isso" (L.).

"Eu acho que a gente reproduz muito os vícios do machismo, da competição e tal. Agora eu acho que tem um monte de gente que atua na solidariedade" (F.).

As relações de poder assimétricas, identificadas no movimento feminista, são um fator significativo neste processo de desestruturação dos grupos e desencanto com o movimento.

Se formos verificar o que confere poder no movimento feminista do Rio de Janeiro, identificaremos alguns pontos. Em primeiro lugar, a "antiguidade" no movimento, mas esta antiguidade deve estar ligada à participação nos debates realizados na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em 1975. A partir destes debates foi criado o Centro da Mulher Brasileira, primeira organização feminista do Rio de Janeiro e de onde se originaram uma série de outros grupos, como por exemplo o Coletivo de Mulheres.

Um outro fator, que confere poder, é ter vivenciado os "rachas" do movimento, e isto se dá na medida em que estas pessoas "controlam" a história do movimento, identificando mais claramente as diferentes concepções de feminismo e também suas diferentes práticas. Esta inclusive é uma das questões aponta-

das em algumas das entrevistas: a falta de um espaço no movimento feminista hoje, que possibilite a discussão coletiva, num fórum amplo, das diferentes concepções sobre o feminismo e suas práticas. Mesmo no último encontro nacional, ocorrido no Rio, só se trabalhou e discutiu em pequenos grupos, o que de certa forma impede as pessoas de terem uma visão mais global das feministas e dos feminismos, reforçando inclusive este desequilíbrio. R., em sua entrevista, faz referência a esta excessiva fragmentação.

"A gente priorizou tanto (um outro erro) a autonomia das oficinas, cada uma produzir como estivesse querendo, com o material que quisesse e trouxesse, a criatividade de deixar a coisa rolar, de deixar as pessoas se sentirem numa boa, que na hora de aglutinar isso e dar uma visão mais global não se conseguiu" (R.).

Um terceiro ponto, bastante importante para o "status" de feminista, é ter sido exilada e vivenciado experiências no movimento feminista no período de exílio. É um fator de peso, já que foram algumas destas mulheres que, ao retornarem ao Brasil, com a anistia, trouxeram questionamentos fundamentais para o feminismo brasileiro, questionamentos estes resgatados da experiência européia.

A existência de uma ou mais destas características pode fazer com que a pessoa seja identificada, pelas participantes do movimento feminista, como uma das "históricas" ou uma feminista "histórica", termo utilizado nem sempre de forma carinhosa, mas que revela a "antiguidade" e de certo modo reconhece a participação dessas mulheres na história do movimento feminista no Brasil.

A disputa pelo poder dentro dos grupos feministas e no interior do movimento também começa a ser identificada e criticada.

"Essa é a dificuldade, porque o poder que incomoda não é só o poder que está do lado de fora, é o poder que está do lado de dentro" (M.).

Apesar do discurso valorizar a horizontalidade, o respeito à diferença, etc., de muitos modos, no dia-a-dia, esses ideais são negados. Um exemplo interessante é a maneira pela qual os grupos são identificados. Apesar de terem nomes próprios, a nível do movimento as referências são: o grupo da fula na, o grupo da sicrana. Da mesma forma vários deles, apesar de não terem uma estrutura formalizada, com presidente, vice-presidente, etc., na prática funcionam com uma hierarquia, mesmo que informal e não explicitada, o que muitas vezes dificulta a identificação e o combate a essa hierarquia que se faz presente.

"Existe o problema fora, nós pregamos a horizontalidade, pregamos o não autoritarismo, nós pregamos um monte de coisas, e entre nós o que está existindo? E entre nós existe um puta autoritarismo, uma disputa pelo poder em termos de quem é a dona do grupo. Não tem presidente, mas é como se tivesse, na prática" (R.).

"O erro foi que aqui no Rio pelo menos, se partiu da premissa de que porque éramos mulheres feministas nada disso existia mais, e isso foi péssimo, porque você sabe que o papel disso foi ser instrumento da manutenção do autoritarismo, da competição, das formas tradicionais de hierarquia" (L.).

Esta "quebra de utopia" em relação ao movimento, aos grupos feministas e em certa medida até em relação à condição

de militante, vai fazer com que uma parte das feministas procurem outra forma de continuar atuando. Um certo número passa a questionar a relação em grupo, criticando a opressão que este também exerce e optando por uma atuação mais individualizada.

"De repente o grupo pode começar a exercer sobre você uma certa opressão até. Então, de repente, essas coisas se fragmentam. O interessante seria que as pessoas se refizessem em outros grupos e buscassem novas experiências de trabalho. Mas isso não é a tendência que está se verificando. Ao invés dessas pessoas que já passaram por um grupo autônomo de reflexão ou de trabalho, em vez de formarem outros grupos ou buscarem outras pessoas, se sentem melhores na condição de feministas autônomas, individual" (C.).

"Eu acho que hoje a tendência é mais de feministas autônomas" (M.).

"Então isso é uma coisa, o número de militantes do movimento autônomo diminuiu, mas o número de mulheres que possivelmente trabalha com o feminismo aumentou" (L.).

Um outro grupo de mulheres opta por ocupar espaços no Estado. A perspectiva de uma atuação mais institucional tem como fatores de impulso dois pontos fundamentais. De um lado, a possibilidade concreta dessa atuação, com a conquista de mais democracia dentro do país, e de outro, o cansaço de uma militância desgastante e de resultados mais a longo prazo.

No discurso das entrevistadas, estas duas posturas podem ser identificadas. Para um determinado grupo, o trabalho junto ao Estado, institucional, vai possibilitar que se chegue a mais mulheres em menos tempo, ampliando assim a influência das concepções feministas dentro da sociedade brasileira.

"Eu também acho que muita gente se desinteressa do movimento autônomo e se interessa num trabalho dentro do Estado porque já está cansada, por vários tipos de razões diferentes. Inclusive porque a militância é uma coisa muito desgastante, porque você trabalha muito prá ter um resultado muito pequeno, em particular no movimento feminista" (L.).

Essa atuação institucional é vista também como um mal menor. Teria, pelo menos, o mérito de manter essas mulheres que não estão mais vinculadas aos chamados grupos autônomos, envolvidas com o feminismo.

"Então eu acho que uma pessoa que já tá baqueada, que aquilo não tá satisfazendo muito, que já tá meio cansada e que aparece a possibilidade desse trabalho, eu acho que tem mais é que se entusiasmar e acho que é muito bom que seja assim, muito pior seria se essas mulheres simplesmente se perdessem" (L.).

A possibilidade de um trabalho institucional e a decisão de participar ou não dele vai levar, inclusive, a que ocorram divisões em grupos do Rio. Um exemplo é o SOS Mulher, perde três de suas integrantes que, entre outras coisas, não concordavam com a postura do grupo, que se recusava a participar da Comissão Especial de Defesa dos Direitos da Mulher. Este órgão, ligado ao Estado, tinha como prioridade a discussão do tema violência contra a mulher.

Em carta onde explicam os motivos de sua saída do grupo afirmam:

"Assim, não concordamos com a posição tomada isoladamente pelas outras quatro integrantes do SOS, da recusa em atuar no fórum da Comissão Especial de Defesa dos Direi -

tos da Mulher, e nem com a afirmação de que 'entre a Central Policial de Atendimento à Mulher ou nada é melhor nada', pois não podemos enxergar como lúcida e madura esta a titude. Recusar espaços de ação e fala, sob argumento de que o Estado frustrou nossas aspirações, faz parte dos hábitos de grupos que, ao longo de uma atividade solitária, adquirem a síndrome dos pequenos grupos 'puros como cristal'. Essa síndrome leva ainda seus integrantes a perderem a noção de espaço, a transformarem uma divergência de método ou tática dentro de uma luta comum, numa guerra mortal onde as tiradas sibilinas e cortantes, os olhares fúribundos e a agressão mortal fazem o papel de armas" (Rio, 02 de maio de 1986).

A avaliação, que as entrevistadas fazem a respeito da situação em que se encontra o movimento feminista, engloba face tas que podem parecer paradoxais. De um lado, o crescimento do feminismo no campo das idéias, enquanto movimento cultural, o aumento do número de mulheres interessadas na chamada "questão feminina"; e de outro, a diminuição dos grupos feministas e a tendência à institucionalização.

A preocupação explicitada, em grande parte das entrevistas, diz respeito ao futuro do movimento, pois o espaço que as idéias feministas e a questão da mulher ganharam na sociedade foi o resultado de um trabalho lento e persistente que os grupos feministas, sejam eles de reflexão ou ação, realizaram. Com a desestruturação crescente dos grupos, a pergunta que se faz é de onde vai sair um novo impulso? Em qual espaço haverá uma reflexão e um aprofundamento das visões e propostas do feminis mo?

"Então a verdade é que hoje preocupadas com a questão da mulher, tem no Brasil um número muito maior do que ti-

nha na nossa época. Eu acho que isso é uma coisa positiva. Agora, a mim continua a preocupar esse esvaziamento do movimento autônomo. Porque veja bem, houve uma certa energia que esse movimento criou e que impulsionou um monte de coisas que estão acontecendo e que ainda vão acontecer até algum tempo. Mas isso vai acabar, e de onde vai sair um novo impulso?" (L.).

Nos grupos as mulheres refletiriam sobre suas questões e, a partir daí, sairiam para uma prática, prática esta que não necessariamente estaria restrita ao movimento feminista ou de mulheres. Com a desestruturação dos mesmos ficaria um vazio, pois não haveria mais fóruns coletivos, formuladores das propostas do movimento.

"Então no caso do movimento feminista a autonomia se faz muito importante, porque nós temos que manter essa discussão livre. É como se nós fôssemos um celeiro de formar transformadoras, revolucionárias, para trabalhar dentro destes órgãos partidários, sindicais, associativos, de moradores. Quer dizer, estas pessoas estão lá, nas hierarquias, mas voltam cá, às mulheres, aonde elas se abastecem, no movimento" (M.).

"Tem que ter algum lugar que as mulheres continuem se reunindo, onde elas possam dizer: já chegamos até aqui e agora o que é que a gente quer? As mulheres todas, independentes de serem pesquisadoras ou de serem funcionárias das instituições ou de serem políticas ou de serem militantes de partidos, ou de serem isso ou de serem aquilo" (L.).

A relação com o Estado é vista, por algumas das entrevistadas, de forma ambígua: por um lado pode facilitar o acesso a mais mulheres, mas por outro desvia força dos grupos autônomos.

"Então é uma coisa assim, um certo pragmatismo, quer dizer, eu tô vendo que está sendo bom prá^s mulheres e que está sendo bom pro feminismo, embora não esteja sendo bom completamente pro movimento, porque tá sem dúvida nenhuma canalizando, desviando forças que tavam no movimento autônomo para um outro tipo de trabalho, dentro das instituições, dentro do Estado" (L.).

"Ficou muito claro que esse processo de abertura democrática nos inspirou o desejo de ocupar espaços nas chamadas instituições. Então eu acho que houve um processo engraçado. De repente a gente teve desejo de ir prá fora, ampliar esse espectro de nosso trabalho e no que a gente foi prá fora a gente não conseguiu ir prá fora, falar pro mundo e continuar falando entre nós, até talvez por uma questão mesmo de quanto é absorvente a vida profissional" (C.).

O interessante a assinalar é que, apesar da diminuição dos grupos feministas e da tendência à uma atuação mais institucional, podemos verificar, claramente, nos três últimos anos, um aumento do número de mulheres participando dos Encontros Feministas. Constata-se também um interesse cada vez maior de participantes de outros movimentos sociais em relação às idéias e propostas feministas. A base que temos, para reforçar estas afirmações, são os dados coletados no III Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe (Bertioga-SP, 1985) e no 8º Encontro Nacional Feminista (Petrópolis-RJ, 1986).

Em Bertioga, no Encontro Latino Americano, do total de 848 mulheres participantes, 490 eram brasileiras (é importante não esquecermos que o Encontro Nacional, ocorrido no ano anterior em Belo Horizonte, contou com 150 participantes), no 8º Encontro Nacional (Petrópolis - 1986), um ano após Bertioga, já havia cerca de 530 mulheres inscritas, e no último Encontro Na-

cional, realizado em Garanhuns - PE (1987), esse número aumentou para cerca de 800 mulheres.

No que se refere ao maior interesse de participantes de outros movimentos sociais em relação ao feminismo, os dados constantes dos registros são os seguintes:

"Bertioga - Perfil das Participantes - Militância

	TOTAL		BRASIL	
	NA	%	NA	%
Grupos Feministas	475	56,0	255	52,0
Sindicatos	70	8,2	54	11,0
Partidos Políticos	126	14,8	99	20,2
Grupos Comunitários	133	15,7	91	18,6
Outros	63	7,4	41	8,4
Independentes	143	17,0	93	19,0
Sem resposta	67	7,9	38	7,7

Petrópolis - Trabalhos que as mulheres realizam:

"II - Trabalho Relacionado à Militância Política Geral

Partidos Políticos (PT, PMDB, MR-8, PSB, PDT, PCB) (51); Sindicatos e Associações de Classe (33); Associações de Bairro (13); Grupos ligados à saúde; Igrejas; Grupos ligados ao combate ao racismo/movimento negro; Movimento estudantil; Grupos ligados ao pacifismo; CGT; Trabalho ligado à questão indígena; Teatro em grupos populares; CUT; Trabalho ligado a defesa dos direitos humanos; CEBs; Grupos ligados à defesa do consumidor; Outros. 1)

"III - Trabalho Específico com Mulheres

Trabalho na área de saúde da mulher (24); CNDM (14); Assessoria a grupos de mulheres (13); Trabalho específico com mulheres dentro de órgãos governamentais (federal, estadual, municipal); Participação na campanha de mulheres candidatas; Grupos Feministas (de reflexão ou ação direta); Núcleo de mulheres dentro de partidos políticos (PT, MR-8, PMDB); Associações de mulheres de um mesmo bairro/comunidade; Departamento Feminino em associações/sindicato de classe; Oficinas de teatro; Coletivo de mulheres negras; Núcleo de estudos da mulher em universidades; Assessoria jurídica para mulheres; Equipe de mulheres de Comunidades Eclesiais de Base; Jornais Feministas; Conselhos Estaduais/Municipais da Mulher; Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais; Movimento de advogadas/Mulheres de carreira jurídica; Clubes de mães; GALF (Grupo de Ação Lésbica Feminista); Associação de Mulheres Universitárias; Trabalhos em programas com mulheres em agências financiadoras; Grupos e trabalhos com mulheres de favela e periferia; trabalho em organização de congressos e encontros em diversos temas ligados à questão da mulher; trabalho em Delegacias; Outros."

. O número entre parênteses indica a frequência de mulheres naquela ocupação. Onde não há número indicado, a frequência é abaixo de 10. ¹

É perceptível o interesse que o movimento feminista vem despertando em mulheres que atuam nas mais diversas áreas. Pode-se afirmar que o estigma que as feministas carregam (sapato, mal-amada, feia, etc.) está diminuindo, na medida em que um bom número de mulheres presentes nos Encontros há alguns a-

nos atrás poderiam talvez se dispor a participar de um Encontro de Mulheres, mas, provavelmente, não de um Encontro Feminista.

Nesse sentido entendo poder afirmar que a cultura feminista se ampliou bastante nos últimos anos, desmistificando a visão deformada que se tinha das feministas e do feminismo. Gostaria de ressaltar que ainda existe uma grande dose de preconceito em relação ao movimento feminista e às participantes deste movimento, mas podemos notar algumas mudanças positivas nos últimos anos.

Uma das possíveis explicações para a diminuição do preconceito em relação ao movimento feminista poderia estar ligada à incorporação, pelo Estado, de determinadas bandeiras do movimento. É o caso dos Conselhos e das Delegacias de Mulheres, que foram bandeiras de luta de pelo menos uma boa parte do movimento feminista e que hoje em dia foram viabilizadas pelo governo federal e por governos estaduais. Ora, esta institucionalização passa para a população em geral a visão de que as questões que o feminismo levantava não são tão esdrúxulas assim, pois algumas delas são ou estão sendo incorporadas pelo próprio Estado, aparecem em campanhas na TV (como por exemplo o combate à violência contra a mulher), etc. É, enfim, o resultado de um trabalho que as feministas, em movimento, vêm realizando há mais de 10 anos.

NOTAS

¹Os dados sobre o III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe e sobre o 8º Encontro Nacional Feminista foram retirados das seguintes publicações:

- a) ENCONTRO FEMINISTA LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 3, São Paulo, jul.31 - ago.4, 1985. São Paulo, Fundação Ford, 1985. 102p. il.
- b) ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA, 8, Petrópolis, ago.07-10, 1986. Registro... (Brasília), Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 1987. 69p.il.

C A P Í T U L O VI

AUTONOMIA - AUTONOMIAS:

NOVOS RUMOS DE ATUAÇÃO NO MOVIMENTO

Há tantos diálogos

Diálogo com o ser amado
o semelhante
o diferente
o indiferente
o oposto
o adversário
o surdo-mudo
o possesso
o irracional
o vegetal
o mineral
o movimento

Diálogo consigo mesmo
com a noite
com os astros
os mortos
as idéias
o sonho
o passado
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo

e

tua melhor palavra

ou

teu melhor silêncio

Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos

(O Constante Diálogo - Carlos
Drummond de Andrade)

O material básico de nosso trabalho é constituído pelos discursos das entrevistadas, a cuja análise estamos procedendo. Contudo, não posso, e não desejo deixar de lado minha vivência no movimento feminista, nem os frutos do constante estudo e observação do movimento e do feminismo. Em decorrência, quando ao nível da prática do movimento, podem ser inferidas novas significações para os aspectos abordados, elas serão levadas em conta, mesmo se não presentes de modo manifesto nas entrevistas.

Ao procurarmos caracterizar o que as entrevistadas entendiam por autonomia, algumas visões ficaram bastante claras. Em primeiro lugar, a percepção de que este conceito foi utilizado, nos primeiros anos do movimento feminista no Brasil, para garantir um espaço definido para a questão da mulher.

"Quando ela surgiu aqui, era no fundo como eu percebo e sinto, como quase uma reação, uma defesa que nós tínhamos de determinadas correntes políticas quererem se apropriar do movimento" (LU.).

"Não sei direito, mas sempre que se fala em autonomia me lembra aquela época. Me lembra aquela época de desvinculação dos partidos, uma coisa de desvincular mesmo. Então hoje, quando eu olho prá trás, eu acho que é muito mais aquela coisa de tentar não embrulhar as discussões, porque senão ficava na briga partidária" (B.).

"Então quando a gente fala corriqueiramente em autonomia, quer dizer, quando este conceito é utilizado dentro do movimento feminista, eu acho que o sentido que se dá a esse conceito é esse: não manipular" (H.).

Não podemos esquecer que o movimento feminista no Brasil se inicia em pleno regime ditatorial, quando os espaços pa-

ra a manifestação política e a liberdade de organização praticamente não existiam. Em decorrência, o movimento de mulheres como um todo passa a ser visto pelos partidos políticos da época (grande número deles clandestinos) como um canal possível de atuação.

Isto já ficou evidenciado ao analisarmos a trajetória de nossas entrevistadas até o feminismo. Muitas delas afirmaram ter chegado ao movimento feminista via partido político e com a "tarefa" de trazer para o movimento de mulheres a luta mais "geral" contra a ditadura.

A autonomia se apresenta então, nesse primeiro momento, como uma forma de afirmação do movimento feminista, como uma maneira de garantir espaço para que as questões da mulher fossem discutidas e aprofundadas.

O eixo principal, em relação a quem o movimento feminista deveria ser autônomo, dizia respeito fundamentalmente, naquele momento, aos partidos políticos, já que uma relação mais direta com o Estado ou instituições governamentais estava, naquela época, descartada.

Uma das entrevistadas critica a centralização da discussão da autonomia em torno dos partidos políticos, salientando que, em nome da igreja ou da religião, foram opostas, muitas restrições às propostas feministas e suas práticas.

"Não não só os partidos que determinam uma ingerência sobre o movimento social. A igreja, por exemplo, que não é partido, em nome da igreja muitas linhas foram traçadas por caminhos às vezes que distanciam as mulheres das principais propostas feministas" (C.).

Pelo que se vê do quadro exposto acima, muitas vezes o sentido de autonomia era utilizado como sinônimo de isolamento. Ser autônomo podia significar não se relacionar com outros movimentos, atuando de forma isolada. Qualquer relação era entendida como interferência.

"Acho que se desenvolveu durante esses dez anos uma brutal confusão com o conceito de autonomia e essa confusão em algumas mulheres chegou até a paralisar completamente a ação de algumas mulheres, pelo menos na experiência que eu vejo aqui no Rio de Janeiro. Porque, de repente, o que antes era uma opressão, a gente ter que seguir a regra do partido prá saber o que dizer no movimento, por outro lado o rompimento com esse dogma, quer dizer, de levar sempre pro movimento autônomo as determinações do partido, isso levou a uma perda do sentido do que seja uma cidadania integral a ser vivida pela mulher. Quer dizer, algumas mulheres ficaram tão anti-partidárias, que chegam a condenar outras mulheres feministas que tenham uma militância partidária" (C.).

Uma outra percepção de autonomia veiculada nas entrevistas é o entendimento desta como um conceito relativo. Trata-se de ser autônoma em relação a alguém ou a alguma coisa, e as relações podem ser mais ou menos autônomas conforme a situação.

"Eu também acho que a gente está em formação, não o conceito de autonomia, mas a prática de exercer a autonomia. E eu acho também que a autonomia vai desde o nível social até o político" (F.).

"Autonomia pra mim antes de tudo é uma coisa que não se confunde com isolamento. Se você pegar a própria palavra o que quer dizer. Autonomia é relativa. Você não é autônomo em princípio, você é autônomo em relação a outra coisa ou a alguém" (C.).

"Eu acho que a gente convive com a autonomia como a gente convive com tudo na vida, com avanços e recuos, com limitações e larguezas. De repente a gente se sente profundamente autônoma e não está autônoma, está sô. As vezes a gente se sente profundamente sô e não está sô, você está exercendo a sua liberdade, a sua autonomia. Autonomia é igual a liberdade, é um negócio que a gente preserva"(C.).

Algumas entrevistadas têm em outro enfoque, de muita relevância. Consideram a noção de autonomia um canal possível e fundamental de formulação do movimento. Os grupos feministas autônomos teriam o papel de radicalizadores, com a função de formular e "abastecer" as mulheres que atuam tanto nos movimentos específicos quanto em outros movimentos ou instituições. Isto é, o movimento feminista teria a função de criar novas relações societárias, mais autônomas, em oposição às relações hierárquicas existentes nos movimentos mais tradicionais ou instituições. Seu papel seria também o de fertilizar esses movimentos, levando essas novas formas de sociabilidade¹ para seu interior.

"Eu acho que parte da própria palavra. O que é movimento não pode ser engatado em nada, tem que ser autônomo. Uma coisa que se movimenta tem de ter espaço na sociedade prá se movimentar sem você hierarquizar, estruturar, subordinar" (H.).

"No caso do movimento feminista a autonomia se faz muito importante, porque nós temos que manter esta discussão livre. É como se nós fôssemos um celeiro de formar revolucionárias, transformadores, para trabalhar dentro destes órgãos partidários, sindicais, associativos, de moradores. Quer dizer, estas pessoas estão lá nas hierarquias mas voltam cá, às mulheres, aonde elas se abastecem, no movimento" (M.).

"O movimento autônomo funciona como um 'respirador' para as mulheres que têm participação em outras instituições. A autonomia garante uma radicalização necessária do movimento" (LU.).

A relação entre movimento autônomo, respeito à diversidade e práticas diferenciadas é destacada por uma das entrevistadas. Trata-se mais uma vez da ênfase na criação de novas formas de sociabilidade.

"O que o espaço da autonomia garante? O espaço da autonomia inclusive garante que eu possa estar em contato com, por exemplo, a dona fulaninha que é do partido Y, com a dona sicraninha que é do sindicato do não sei o que, com a dona mariquinha que é da câmara federal. Aquilo funciona como um respirador, funciona como um impulsionador"(LU).

"Autonomia não é uma coisa diferente, é uma coisa que começa aqui e agora. É uma batalha pra cada um de nós. E eu acho que necessariamente você falar em autonomia, você tem que falar na prática plural. E é muito difícil você lidar com os seus diferentes. Então, de repente, eu não acho que seja um mar de rosas. Essa prática autônoma do movimento feminista não está ainda garantida. A gente ainda se embola nos momentos eleitorais" (LU).

A autonomia é também colocada como um processo de construção permanente.

"Então eu acho que a autonomia é muito mais da prática mesmo, que você vai construindo essa autonomia na prática, não por uma questão do princípio, é porque ela é realmente uma questão importante de ser levada. Eu não sei se está meio confuso, mas é de que não é uma autonomia por princípio. O movimento tem que ser autônomo, e aí você se encastela, se fecha, não se relaciona" (A.).

A questão do movimento autônomo enquanto formulador das

concepções, políticas e propostas do feminismo é, no momento, uma das principais questões levantadas pelas mulheres entrevistadas. Ela está presente nas análises da questão organizativa, tendo em vista a diminuição dos chamados grupos autônomos, seja de reflexão seja ação, no Rio de Janeiro. Mas a discussão desse aspecto já foi aprofundada no capítulo V, em que abordamos a organização do movimento.

O movimento autônomo serviria de referência inclusive, e principalmente, para as mulheres que estivessem atuando em outras instituições ou movimentos. A autonomia teria então também a função de se contrapor à cooptação e atrelamento do movimento a partidos e ao Estado.

"A gente tinha uma política muito clara de que a gente devia ter um grupo autônomo pra gente não se perder na instituição. Porque quem está em instituição, se não tiver um grupo autônomo e participativo no movimento feminista se perde, vira uma profissão como outra qualquer, institucional" (F.).

Uma das entrevistadas se apresenta claramente como autonomista, salientando como central a luta fora do Estado.

"Mas eu acho que precisa mais do que isso, em algum lugar você tem que estar organizada fora do partido, você pode estar dentro do partido também, mas em algum lugar você tem que estar organizada fora do partido. E tem que existir aquilo que eu chamo o movimento autônomo. Na verdade eu não sou autonomista só em relação ao movimento feminista. Eu sou aquilo que você poderia classificar políticamente como realmente uma autonomista. O que me interessa, o que me mobiliza e o que eu acho que é o mais importante, o mais relevante, são as lutas que são levadas fora do Estado. Isto vale pra tudo, não só pro feminismo" (L.).

A necessidade de autonomia também a nível financeiro é levantada em algumas das entrevistas.

"Eu acho que se deve buscar mais e mais autonomia em relação às instituições. Só que eu acho que a grande chave da autonomia é a autonomia financeira, porque é nessa que o capitalismo se garante, e é onde a gente vai catar dinheiro. Então a gente quer que os governos financiem os grupos autônomos, mas respeitando a autonomia! Então vai depender do governo sempre" (F.).

A relação entre movimento e entidades financiadoras é bastante complicada. Tanto no que se refere aos grupos que recebem financiamento, como aos Encontros Nacionais Feministas, que vêm contando com ajuda financeira das mais diferentes instituições (nacionais e estrangeiras).

No que toca aos Encontros Nacionais, a experiência relatada pelas organizadoras do Encontro de Petrópolis, em relação à dificuldade de se conseguir ajuda para a organização do encontro, tendo em vista o grande número de mulheres participantes, foi reforçada pelos depoimentos das organizadoras do encontro de Garanhuns. Elas relataram que alguns financiadores chegaram a sugerir que os encontros nacionais passassem a ser de dois em dois anos, pois os gastos estavam sendo muito altos.

O que ficou mais ou menos claro nessa discussão, ocorrida em Petrópolis e Garanhuns, é que o movimento feminista tem hoje duas opções: a primeira é continuar tentando obter fora da vez mais dinheiro, mantendo então os encontros dependentes das diretrizes traçadas pelas instituições financiadoras. A outra é procurar, o máximo possível, se tornar independente de financiamentos, redimensionando a estrutura dos encontros. Eles

podiam, por exemplo, ser feitos em locais mais simples e envolvendo as ~~mulheres~~ participantes numa convivência diária mais direta. Seria uma ocasião de se tentar pôr em prática a solidariedade, o companheirismo, etc., entre as participantes, de uma forma mais concreta (cuidar em conjunto da alimentação, do espaço em que se realizaria o encontro, etc.). Um teste, portanto, para as tão faladas novas formas de sociabilidade, que o movimento enfatiza.

Um outro exemplo, que demonstra a complexidade das relações entre movimento e instituições financiadoras, aconteceu no Encontro em Petrópolis. Ali as organizadoras tiveram reduzido parte de um financiamento que estavam recebendo do exterior; isso por não terem aceito a imposição de abrir o encontro à participação dos homens.

Por sinal esta questão, da autonomia do movimento em relação aos homens, não apareceu diretamente no discurso das entrevistadas, apesar de ser uma questão de fundo do feminismo. No encontro de Petrópolis chegou a ocorrer uma oficina com o título "Nós, o Feminismo e os Homens", que procurou discutir esta relação. Houve mesmo a proposta, de algumas mulheres participantes do debate, de que fosse criado, nos encontros feministas, um espaço para a participação dos homens. Concluiu-se, no processo desta discussão que, em primeiro lugar é fundamental manter este espaço só de mulheres. Entre outras razões, porque as próprias mulheres, que hoje chegam a reivindicar um espaço misto, precisaram, num momento inicial de busca de identidade e de autoafirmação, desse "abraço" das mulheres em geral. Todos os depoimentos de mulheres que estavam participando pela primei

ra vez de um encontro feminista, inclusive em outras oficinas, valorizavam o espaço só de mulheres e apontavam uma maior facilidade de entrosamento, sem a presença dos homens. Também foi aventada a possibilidade de construção de um novo espaço onde esse encontro misto poderia ocorrer. Isso na medida em que algumas feministas começam a sentir necessidade dessa discussão é não como resultado de pressões externas, e jamais com prejuízo do espaço exclusivo duramente conquistado.

Hoje a discussão sobre um movimento feminista autônomo está intrinsecamente ligada à discussão da maior institucionalização do mesmo. Trata-se, na verdade, de uma nova fase do movimento, que caminha juntamente com o processo de maior conquista de democracia no país, conquistas essas que abrem possibilidades de participação junto ao Estado. Atuação desejada por uma parte do movimento feminista, que via nela a possibilidade de atingir mais rapidamente um maior número de mulheres.

O processo de institucionalização que ocorre hoje (não só no Rio de Janeiro), com a criação de Conselhos da Condição Feminina, Delegacias de Mulheres, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, etc., vem sendo bastante discutido pelas feministas. As posições vão desde aquelas que criticam estas formas de relação com o Estado e outras instituições da sociedade, até as que consideram este o melhor caminho para a ampliação do movimento.

A crítica aos conselhos começa com o modo pelo qual são escolhidas as conselheiras e chega à maneira de estruturação e funcionamento dos mesmos.

"(...) Por exemplo, na composição do conselho, eu não tava na reunião, mas foi um saco de gatos, uma briga por causa disso: quem vai ser presidente, quem vai ser do conselho, quem vai ser a comissão executiva. Então, o nosso interesse enquanto feminista era de garantir o máximo de feminista possível no conselho. Parece uma coisa muito natural, mas aí tem o estatuto de quem é feminista, de quem é mais feminista. Quer dizer, uma coisa doida. Tem que ter carteirinha de feminista. Além disso, não é qualquer feminista, tem que ter o estatuto de ser mais feminista. Aí é que entra a questão: no conselho a maioria é tudo PMDB. Que autonomia é essa? Porque tinha uma lista enorme e quem escolheu, em última instância, foi o governo, e só entrou pmdbista" (H.).

"No Conselho Nacional se estabelece uma nítida hierarquia, dita explicitamente, por isso eu até posso repetir isso aqui. Já se explicitou diversas vezes lá uma hierarquia de conselheiras pra assessoras, no entanto tem assessoras, como eu por exemplo, que são tão vividas e tão integradas nessa coisa, ou mais, quanto as conselheiras. Então essa hierarquia também é outra coisa esquisita" (C.).

É palpável nestes depoimentos, a visão crítica de algumas das entrevistadas em relação à defasagem, muitas vezes existente, entre o discurso e a prática. O discurso propõe relações não hierárquicas, novas práticas sociais, etc., porém muitas vezes acaba-se praticando o inverso.

Ao longo das entrevistas, muitas vezes se confunde o objetivo e a formação dos conselhos. Esquece-se que os conselhos não são feministas, mas são órgãos dos quais também participam as feministas. Esquece-se, também, que o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e os Conselhos Estaduais, são conselhos ligados a determinados governos, sendo desses governos a

palavra final sobre as mulheres que deles dão participar.

"Então o que a gente sente é que o conselho está conseguindo transar com todos os setores, mesmo aqueles tidos como do movimento de mulheres e não necessariamente feministas" (G.) (Grifos nossos).

Há entrevistadas que apontam para o fato dos conselhos serem órgãos do Estado.

"No meu entender, apesar de toda essa manipulação dos partidos, da igreja (que pegou lugares, indicou conselheiras, não nos ouviu), o número de feministas é bem menor do que dos demais setores da sociedade, eu acho que apesar de tudo isso, eu acho que estes conselhos foram válidos, tanto estaduais quanto o nacional. E aí você tem que ter a humildade de entender que não é feminista, é o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher" (M.).

A tendência mais geral das entrevistadas é considerar válida a experiência dos conselhos e delegacias, ou a possibilidade de alguma forma de relação com o Estado. Contudo, salientam sempre a necessidade da existência de um movimento feminista autônomo. Ele teria a função de aprofundar as visões sobre o feminismo, impulsionar esses organismos e ter uma postura clara no sentido de radicalizar-lhes a atuação, visando interferir mais diretamente na alteração da situação da mulher em nossa sociedade.

"Eu não sou contra conselho não, quer dizer, eu não sou contra uma forma de atuação do Estado pra eliminar a discriminação, isso eu sou a favor. Mas eu sou contra essas variantes que podem decorrer do próprio conselho funcionando. Quer dizer, as mulheres não podem receber o conselho como uma coisa paralisante: 'bom, agora tem aquele negócio do governo que cuida da minha vida, nada mais vai

acontecer" (C.).

"Tem um limite claro e as pessoas vão saber que tem. Agora, tem uma maneira também que você tem de enxergar onde você pode avançar. É o tal negócio no parlamento. O parlamento é uma coisa muito limitada, mas se a deputada e o mandato têm um vínculo íntimo como o movimento, ele favorece a um mandato do movimento. Ele favorece a um crescimento do movimento, fortalece as reivindicações" (F.).

"E isso eu acho que quem está no conselho podia criar. Quem é feminista e está no conselho e quer mesmo aproveitar as brechas do Estado, tinha que estar com intimidade e vínculos diretos com as feministas, sempre. E não está" (F.).

Tendo em vista as dificuldades de articulação dos conselhos com o movimento feminista, bem como a estrutura de funcionamento e escolha das conselheiras, algumas das participantes do movimento começam a se perguntar se essa é a melhor forma de se organizar dentro do aparelho de Estado.

"Agora, tem uma outra coisa também que eu queria discutir que não está claro também ainda, porque tudo é muito recente, pelo menos em relação ao nacional. Se essa forma de conselho é a forma que melhor operacionaliza a formulação de tais políticas, de diretrizes para a eliminação da discriminação da mulher" (C.).

"Eu não gosto de conselho. A minha proposta inclusive no partido, como proposta de Estado é não ter conselho. Não é a minha proposta política o Conselho. Eu acho que, num governo que se queira tratar da questão da mulher, tem que botar assessorias feministas nos ministérios ou nas secretarias. Eu acho que é impossível combinar conselho com autonomia" (F.).

A visão da impossibilidade de se conciliar autonomia e conselho é compartilhada por outra das entrevistadas.

"Eu acho que a autonomia já era, no conselho. A questão da autonomia não existe mesmo no conselho, porque quando você mexe com aparato do Estado, seja partido, instituições governamentais ou comissão à nível oficial, a questão da autonomia está tremendamente comprometida" (H.).

Em algumas das entrevistas é expressa a crença, sem que se perca de vista as limitações da instituição, de que é possível mudá-la.

"As relações dentro da instituição podem se dar de forma autônoma, desde que se procure transformar a rotina da instituição" (M.).

Dois eixos básicos podem ser identificados. Por um lado a valorização dessa relação, com a abertura de um espaço maior para a questão da mulher, e por outro o risco sempre presente do atrelamento ao Estado e da perda de autonomia, se não se mantiver um vínculo estreito com os grupos feministas.

"O conselho pode falar em nome do movimento, quando autorizado pelo movimento. Mas o movimento é muito maior que o conselho. O conselho é um instrumento do movimento" (R.).

"Com o conselho na mão se pode agitar mais, se pode chegar a novas mulheres, se pode ampliar mais. Você entendeu? Então é um pouco essa perspectiva que eu tenho" (LU.).

"Eu estou satisfeita com o conselho, eu acho que ele está tentando, com todas as dificuldades, fazer um trabalho com todos os segmentos" (G.).

"Eu não nego a importância disso. A conquista da Delegacia de mulheres, por todas as dificuldades que a gente

viveu aqui, eu acho que ainda é melhor ter, com todo o atrelamento, com as dificuldades, do que não ter. Você abre um espaço de atendimento à mulher bem melhor" (H.).

Uma das entrevistadas resume, com clareza, algumas das visões acerca do processo de institucionalização por que passa o movimento feminista.

"A gente se mobilizou para a constituição dele. No meu modo de ver era mais um espaço. E aí tinha as diferenças todas: há quem acha que o conselho foi um grande ganhos, quem dosa demais a importância da institucionalização do movimento... Como se tivesse três posições, sem querer simplificar muito. Então eu acho que no feminismo eu vejo três vertentes pintando. Como sempre, eu estou no meio. De um lado quem supervaloriza a institucionalização do movimento. Então a perspectiva é: o poder está aí e é preciso que a gente tome de assalto este poder. Eu acho que tem um outro que cai num outro extremo que é negar totalmente: você não tem que ir pra instituição, ela é amortecedora, ela acaba com o movimento, ela corta todo mundo, então é melhor você nem entrar nessa. E eu estou dizendo que fico no meio do caminho porque eu acho que a minha perspectiva é entrar nessas instituições com a garantia, com o respirador de uma prática autônoma. Porque é exatamente o que eu quero (é uma coisa ousada) é explodir essas instituições, é como você querer poder dentro dessas instituições, dentro dos aparatos de poder pra explodir esse poder inclusive, questionar esse próprio poder. E a autonomia te dá um pouco esse fôlego, porque senão você sucumbe" (LU.).

A atual tendência para uma maior institucionalização do movimento feminista pode ser analisada de dois ângulos. De um, percebe-se que a proposta de institucionalização chega num momento de crise do movimento, num momento de impasse, com a

desestruturação de grupos e com a "quebra da utopia" feminista. De outro, constata-se que a possibilidade de uma maior participação junto ao Estado, de atuação institucional, vai contribuir para desestruturar o movimento feminista organizado autonomamente.

Na primeira hipótese, as participantes do movimento estariam se voltando para uma atuação mais institucional por duas razões centrais. Por causa da diminuição dos grupos de reflexão e/ou ação, decorrente do cansaço de um trabalho lento e de resultados a longo prazo e por estarem desiludidas. A desilusão teria chegado quando perceberam a existência de relações de poder bastante autoritárias e anti-democráticas dentro do movimento feminista. Esses aspectos foram analisados de forma mais aprofundada quando tratamos da questão organizativa.

A hipótese, que atribui a uma maior participação no Estado a conseqüente desestruturação do movimento feminista autônomo, nos apresenta também alguns pontos interessantes de reflexão. Por um lado, podemos considerar que o movimento autônomo foi mais forte exatamente no período em que, no Brasil, se tinha poucas possibilidades de participação política em outros espaços. Isto é, num momento em que o Brasil vivia uma época de repressão política, e um dos poucos espaços encontrados para a participação política mais aberta foi o dos grupos feministas e/ou de mulheres. Assim sendo, a bandeira da autonomia era mais "fácil" de ser carregada, pois as possibilidades de o movimento não ser autônomo eram mais restritas. À época, o eixo central de desvinculação dizia respeito aos partidos políticos.

No processo de maior abertura à participação política e com o fim do regime ditatorial, a relação com o Estado se torna mais ambígua. Antes tinha-se uma postura homogênea e clara contra o governo, agora o próprio governo passa a incorporar algumas bandeiras do movimento feminista e a abrir espaço para uma maior participação das mulheres. Aí entra uma discussão bastante antiga: participa-se, ou não, dos espaços concedidos ou conquistados no aparelho estatal.

Duas das entrevistadas apontam para o fato de que o caminho institucional já começou a ser traçado mesmo antes do Estado abrir espaços para o movimento, pois uma série de reivindicações feministas indicavam esta direção.

"Prá mim é exatamente o que a gente tá fazendo hoje. A institucionalização daquelas coisas que eram bandeiras. Quer dizer, era um caminho institucional de levar o feminismo. E é muito engraçado que as mulheres que fizeram o Alerta Feminista² (...) eram mulheres que defendiam a autonomia. Acho que a gente não tinha nem consciência do que era isso aí, do que era esse acesso ao poder, o tentar ter o poder. Eram essas mesmas mulheres" (B.).

"Então a verdade é que mesmo antes do Estado abrir espaço, já estava se enveredando por esse caminho de se interessar por um trabalho institucional. Então você vê que na verdade foi uma mudança gradativa, não houve nenhuma guinada espetacular. Isso possivelmente se relaciona com um certo cansaço de uma militância muito dura e com muito pouco resultado" (L.).

Tendo por base o exposto, podemos identificar alguns tópicos que vêm norteando a reflexão e discussão sobre o conceito e a prática da autonomia no movimento feminista.

1. A autonomia em relação a outros movimentos ou instituições
2. A autonomia como um espaço de criação de novas formas de sociabilidade
3. A autonomia e sua relação com o Estado
4. A autonomia e sua relação com a questão financeira
5. A autonomia como espaço de expressão do feminino (não participação dos homens).

O último item, não foi claramente explicitado no discurso das entrevistadas, mas é uma questão de fundo do movimento.

Pudemos perceber que vai existir uma modificação deste conceito, conforme a época. Num primeiro momento este é utilizado como uma defesa das bandeiras do feminismo, num período da afirmação da identidade do movimento. A autonomia foi muitas vezes entendida como sinônimo de isolamento, e qualquer relação entre o movimento e outras instituições, partidos, etc., era vista como interferência ou manipulação.

É importante notar que essa postura não significava, necessariamente, que os grupos feministas, na época, conseguissem ser isentos desse tipo de influência. Na verdade o que ocorria (e em muitos casos ainda ocorre hoje em dia) era uma grande luta interna. As participantes dos grupos feministas com atuação partidária e que pretendiam levar as diretrizes de seu partido para o movimento, entravam em choque com as que brigavam por esta postura mais autônoma, com formulação e práticas próprias e ênfase nas questões específicas da condição feminina.

Num segundo momento, com o processo de "abertura" política, são conquistados canais de participação junto ao Estado e começam a se definir mais claramente as diferentes posturas existentes no interior do movimento feminista.

No que tange às concepções teóricas de que tratamos no 2º capítulo, podemos perceber que muitas delas perpassam o discurso das feministas entrevistadas.

A autonomia enquanto uma construção individual e coletiva, a noção de relatividade deste conceito e a sua inserção como opção num período histórico determinado de crise do mundo contemporâneo, que aparecem incorporadas no discurso das entrevistadas, são motivo de reflexão em Castoriadis. Para ele:

"Na crise e na contestação das formas de vida social pelos homens contemporâneos, existem fatos muito significativos - a deterioração da autoridade, o gradual esgotamento das motivações econômicas, a atenuação da influência do imaginário instituído, a não aceitação das regras simplesmente herdadas ou recebidas -, que só podemos organizar em torno de um ou outro desses significados centrais: ou de um tipo de decomposição progressiva do conteúdo da vida histórica, da gradual emergência de uma sociedade que seria, ao extremo, exterioridade dos homens em relação aos outros, e de cada um em relação a si mesmo, deserto superpovoado, multidão solitária, não mais o mesmo pesadelo com ar condicionado, mas a anestesia generalizada; ou então, valendo-nos, sobretudo, do que aparece no trabalho dos homens, como tendência para a cooperação, a autogestão coletiva das atividades e a responsabilidade, interpretamos o conjunto desses fenômenos como o aparecimento, na sociedade, da possibilidade e da procura da autonomia" (Castoriadis, 1982:120).

A apresentação da autonomia como um espaço que pode-

ria garantir os encontros, mas respeitando a diversidade, nos remete também às idéias de Felix Guattari, que em texto intitulado "A autonomia possível", referindo-se aos movimentos de libertação, aponta a importância da reafirmação das diferentes identidades:

"A recomposição de uma centralidade organizacional - sob formas, repito, a serem inteiramente repensadas: multicentralidade, heterocentralidade... -, que é obviamente necessária, desde que se pense em ações de escala nacional ou internacional, será tanto mais compreendida e assumida quanto mais se basear unicamente em agenciamentos contingentes de luta, preservando a autonomia, a heterogeneidade de seus componentes. (...) Mas o mínimo vital que se pode exigir hoje, me parece ser, que componente algum da revolução molecular seja desprezado, ou simplesmente ignorado. E, mais além, o que se pode esperar de melhor é que, no seio de cada uma delas, e no seio das diversas formações do movimento, organizadas de um modo mais clássico, desenvolva-se uma nova disponibilidade, uma nova sensibilidade e alianças, as conjunções imprevisíveis e inimagináveis" (Guattari, 1981:73).

Outro ponto de indentificação está ligado à noção de poder, trabalhada por Foucault. Para este autor, são importantes, além do combate ao poder centralizado, o combate às suas manifestações nas diversas relações estabelecidas em nossa sociedade. Através deste combate às relações de poder autoritárias a nível micro, no cotidiano, estaríamos alterando as relações no todo. O discurso das entrevistadas chama a atenção para a prática do movimento feminista como possibilidade de alteração, aqui e agora, da vida das pessoas. O poder, da forma como é concebido em nossa sociedade, também é criticado, e reivindica-se o poder de fazer, o poder de construir.

"(...) Porque é exatamente o que eu quero (é uma coisa ousada) é explodir essas instituições, é como você querer poder dentro dessas instituições, dentro dos aparatos de poder prá explodir esse poder inclusive, questionar esse próprio poder. E a autonomia te dá um pouco esse fôlego" (LU.).

"(...) Mas o que eu quero é a abolição do poder no sentido atual, é o poder de todos. O poder atual é que os outros são coisas, e tudo o que quero opõe-se a isso" (Castoriadis, 1982:115).

NOTAS

¹Acerca dessa nova forma de sociabilidade, proposta pelo movimento feminista, entre outros, ver os textos de Calderón, Fernando e Jelin, Elizabeth. "Classes Sociais e Movimentos Sociais na América Latina". Revista Brasileira de Ciências Sociais. ANPOCS, V. 2, nº 5, out. 1987, p. 67-85 e Calderón, Fernando e Santos, Mario R. dos (comp.) "Movimientos Sociales y democracia: los conflictos por la constitución de un nuevo orden. Buenos Aires, CLACSO, 1987, p. 11-32.

Para os autores (...) os movimentos sociais podem introduzir, na base das relações sociais que os recriam, culturas cotidianas de uma nova ordem que modifica a vida dos homens: hábitos, costumes, valores, etc." (Calderón e Jelin, 1987:77).

²"Alerta feminista para as Eleições" foi uma carta lançada no Rio de Janeiro, em 1982, pelos grupos feministas então existentes, e que pretendia incentivar e desenvolver o debate sobre os direitos da mulher neste ano eleitoral. A plataforma proposta já apontava para a criação de delegacias da mulher e conselhos, ou seja, uma via mais institucional de atuação do movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A (RE) CONSTRUÇÃO DE UTOPIAS

A vida só é possível reinventada

(Cecília Meireles)

"Neste século, aos 50 anos você realmente está grávida de si mesma, você está começando a dar tudo de si, sem medo, sem vergonha, sem inibições, sem bloqueios. E eu já fiz análise, uma série de coisas. Então eu tenho a impressão que hoje eu sou aquela menina que eu queria ser aos quinze anos, entende? Eu estou começando a ser a artista, a escritora, a poeta. Tudo que eu pensei ser, essa utopia da minha infância, está se realizando na minha maturidade. E eu acho isso fantástico, e isso graças ao movimento feminista, inclusive" (R.).

Ao redigir as considerações finais, acho importante chamar a atenção para alguns pontos que foram abordados no corpo do trabalho.

Uma primeira questão, que ficou bastante presente na análise das entrevistas, é a constatação de que há "movimento" no feminismo. Isto é, as visões e concepções acerca do mesmo não são estáticas, se modificam conforme a época e a situação estudada. Porém, ao mesmo tempo em que essas alterações são apontadas, muitas vezes podemos detectar, nas entrevistas, uma certa "saudade" do movimento nos seus primeiros anos. Existe a dificuldade de se aceitar e absorver as mudanças do feminismo (mesmo que muitas vezes as estejamos propondo).

Uma segunda questão é a ampliação das possibilidades de atuação das feministas. No início do movimento feminista no Brasil, a atuação possível dizia respeito, mais diretamente, aos poucos grupos feministas existentes. Hoje esta possibilidade se diversifica: são feministas autônomas, que não participam de grupos ou que, já tendo participado, deles se desvinculam (por motivos que vão desde opções individuais até desencanto com os mesmos), mas que continuam sendo feministas e atuando como tal no seu cotidiano; são grupos autônomos (de reflexão e/ou ação) que ainda se mantêm estruturados e em funcionamento; são grupos ligados às instituições, partidos, etc., que atuam na questão da mulher; são conselhos e delegacias da mulher, onde as feministas militam, com uma ligação direta com o Estado. A atuação no feminismo não se restringe a uma militância organizada:

"Também não quer dizer que, por ser feminista, é obrigada a fazer militância organizada. Eu acho que hoje

no Brasil existem muitas mulheres feministas na prática, na vida, que nunca ergueram um pirulito no meio da rua, que nunca procuraram outras mulheres prá fazer algum tipo de organização. Tem muito desse tipo de mulher, e eu acho que isso não deixa de ser uma resposta ao próprio movimento, uma resposta positiva ao próprio movimento" (C.).

Esta ampliação de possibilidades está ligada a um crescimento do movimento feminista. Há uma inserção das chamadas "questões da mulher" em outras camadas sociais e faixas etárias. A cultura feminista penetra com maior rapidez e profundidade na vida das pessoas e na sociedade em geral.

Todos esses fatores fazem com que se tenha a possibilidade, na prática, de exercitar o respeito à diferença (de idéias, posturas, visões, etc.), não só em relação aos outros movimentos sociais, porém mais diretamente em relação às diversas formas de ver e viver o feminismo. Começa-se a entender o feminismo como um processo de construção permanente, a nível individual e coletivo.

"Todo o processo histórico, toda a transformação, é assim dolorosa, angustiante, você tem recaídas, você faz coisas que acha que não devia ter feito, mas isso na sua vida toda. Então ser socialista, ser democrata, ser feminista, é uma luta constante. Não é você um dia pegar o rótulo, enfiar na cabeça e dizer que é. Não, você está se transformando" (R.).

Uma terceira questão diz respeito ao aprofundamento da discussão teórica do e sobre o movimento e um reforço à mudança de mentalidade em relação ao conflito. Ser solidária não deve significar necessariamente a concordância em tudo e por tudo, exigir o abandono da defesa de idéias e pontos de vista pró

prios, nem o encobrimento das diferenças e divergências. Mesmo porque, uma tal atitude conformista, em lugar de fortalecer, enfraquece o movimento.

"A solidariedade entre as mulheres não implica em que você jamais tenha conflito com outras mulheres, não é isso aí que quer dizer. A solidariedade pra mim hoje é uma coisa muito clara. A solidariedade entre as mulheres significa o seguinte: qualquer mulher, independente de eu gostar ou não dela, dela ser minha amiga ou inimiga em outras questões, no momento em que ela for vítima do machismo de qualquer forma que for, que ela for discriminada nessa sociedade, eu vou estar do lado dela" (L.).

No meu entender o movimento feminista está num momento crítico. Isto porque, embora se possa constatar um crescimento do mesmo (vide Bertioga, Petrópolis e Garanhuns), crescimento este que, com certeza, refletiu o trabalho de formiga de uma série de grupos feministas (muitos deles já não existem mais), o movimento corre o risco de ser diluído em campanhas governamentais que não têm como preocupação básica aprofundar as propostas feministas.

Percebo a absorção, por parte do Estado, de uma série de bandeiras que o feminismo ou uma parte do movimento feminista levantou, em decorrência de um trabalho bem realizado. O que acontece é que não vejo, a par disso, uma reestruturação do movimento, que faça com que estes avanços não sejam paralisados. Como exemplo posso citar os Conselhos Nacional, Estaduais e Municipais, da Condição Feminina. A partir do momento em que o Estado passou a assumir o controle da criação destes Conselhos, o movimento perdeu, ou não conseguiu manter, uma estrutura de pressão ou uma maior articulação com as feministas que deles

participam, com o intuito de imprimir uma postura mais radical à atuação dos mesmos.

É claro que não ignoro que a construção de uma nova prática política é lenta, e que o movimento feminista passa hoje por um momento importante de reflexão interna.

Até bem pouco tempo atrás, o discurso do feminismo apontava e criticava as posturas autoritárias dos partidos políticos, dos sindicatos, as relações de dominação e poder que existiam nos movimentos sociais como um todo, a hierarquização e verticalização dos grupos e organizações, a falta de solidariedade, a tendência à homogeneização das idéias, etc. Em contrapartida, propunha uma forma de se organizar descentralizada, que convivesse democraticamente com a diversidade, que fosse horizontal e sem hierarquias, trabalhando com base na solidariedade entre as mulheres. E, durante algum tempo, as feministas acreditaram serem assim. Hoje, começam a olhar para dentro, a ver que tudo aquilo que se criticava nos partidos e nos outros movimentos sociais ou grupos, também existe, em maior ou menor grau, no movimento feminista. Que na verdade, os grupos feministas não são tão democráticos assim, que existem estruturas e relações de poder bastante fortes dentro dos grupos, que a solidariedade tão falada, nem sempre é posta em prática, etc. Isto leva a uma certa paralisação do movimento, à desestruturação de grupos e, no meu entender, esta paralisação tem aspectos positivos. Positivos, na medida em que podem possibilitar um aprofundamento das propostas do movimento feminista nestes eixos fundamentais.

É necessário, além de propor a quebra do autoritarismo dos outros, praticar a quebra do nosso próprio autoritarismo, e isso não é tarefa fácil pois põe à prova, no dia a dia, todas as falas do movimento: aceitar a diversidade, praticar a solidariedade e o respeito à diferença entre nós mesmas.

Com suas diferentes visões e posturas, com seus erros e acertos, o movimento feminista pode criar novas perspectivas de vida para muitas pessoas. E isto, por si só, já garantiria sua importância entre os movimentos sociais que hoje procuram repensar e redefinir os rumos da sociedade contemporânea.

A quebra de algumas das utopias do movimento feminista, hoje, no Rio de Janeiro, pode e deve trazer consigo a construção/reconstrução de novas utopias, que irão aprofundar as propostas e práticas de transformação individual e coletiva, na busca de uma sociedade justa, alegre e prazerosa - para todos.

A N E X O

ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS

1. Dados Pessoais (nome, idade, estado civil, profissão, nº de filhos).
2. Trajetória Política (como chegou ao feminismo).
3. Feminismo (o que é o feminismo e qual a importância deste movimento).
4. Autonomia (o que é autonomia, qual sua importância para o movimento).
5. O feminismo e suas relações com outros movimentos, partidos, Estado, etc.
6. O feminismo hoje (avaliação do movimento, crise ou não crise, relações de poder dentro do movimento, a questão organizativa, etc.).

BIBLIOGRAFIA

- ALAMBERT, Zuleika. A situação e organização da mulher. São Paulo, Global, 1980.
- ALVES, Branca Moreira. Ideologia e feminismo; a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1980.
- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo, Brasiliense, 1981. (Primeiros Passos, 44).
- ASTELARRA, Judith. O feminismo como perspectiva teórica e como prática política. In: _____. Feminismo; teoria e prática. Rio de Janeiro, NEM/PUC, s.d.
- BARDIN, Laurence. L'analyse de contenu. Paris, Press Universitair de France, 1977.
- BELOTTI, Elena Gianini. Educar para a submissão. Petrópolis, Vozes, 1979.
- BRASIL MULHER, Londrina, vários números, 1975-77.
- BRUJAS LAS MUJERES ESCRIBEN. Medellín, n. 3, ago. 1983.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Mulher de papel; a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo, Loyola, 1981.
- CADERNOS DA ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES. São Paulo, n. 1, fev. 1978.
- _____. São Paulo, n. 3, ago. 1979.
- CALDERÓN, Fernando & SANTOS, Mario R. dos. Los conflictos por la constitución de un nuevo orden. Buenos Aires, CLACSO, 1987. p. 11-32.

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius & COHN-BENDIT, Daniel. Da ecologia à autonomia. São Paulo, Brasiliense, 1981.

CHAVES, Anésia Pacheco E. E agora, mulher?. Rio de Janeiro, 1986.

CHINCHILLA, Norma Stoltz. Ideologias del feminismo; liberal, radical, e marxista. In: LEON, Magdalena. Sociedad, subordinación y feminismo. Bogotá, Asociación Colombiana para el Estudio de la Población, 1982. v. 3.

COSTA, Albertina Oliveira et alii. Pesquisa sobre mulher no Brasil - do Limbo ao Gueto? Cadernos de Pesquisa. São Paulo, (54): 5-15, ago. 1985.

_____. Estudo sobre mulher: militância e pesquisa. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 11, Águas de São Pedro, out., 1987. Mimeografado.

CRUZ, Rafael de la. Os novos movimentos sociais; encontros e desencontros. In: SCHERER-WARREN, Ilse & KRISCHKE, Paulo. Uma Revolução no cotidiano; os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 86-101.

CRISTINA. El feminismo y los movimientos sociales. Eúria. Santiago, (6): 13-8, nov. 1984.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo, Perspectiva, 1977.

ENCONTRO FEMINISTA LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 3, São Paulo, jul. 31-ago. 4, 1985. São Paulo, Fundação Ford, 1985. 11.

ENCONTRO NACIONAL FEMINISTA, 8, Petrópolis, ago. 07-10, 1986. Registro... Brasília, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 1987.

ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. Mulher hoje. Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, ago. 1980. (Encontros com a Civilização Brasileira, 26) Número especial.

ENRIQUEZ, Narda. Feminismo y movimiento social. Mujer y Sociedad. Lima-Perú, 3 (5): 6-9, jul. 1983.

EQUIPO DE TRABAJO CASA DE LA MUJER. El monstruo de las múltiples caras: algunos elementos para enfocar el violencia sobre la mujer. In: _____. Nuevos espacios y otros retos; propuesta a las mujeres. Bogotá, Casa de la Mujer, 1986. p. 97-117.

_____. El movimiento de mujeres un nuevo eje para pensar la sociedad. In: _____. Nuevos espacios y otros retos; propuesta a las mujeres. Bogotá, Casa de la Mujer, 1986. p. 10-35.

ESCRITA/ENSAIO. São Paulo, v. 3, n. 5, 1979.

EVERS, Tilman. Identidade; a face oculta dos novos movimentos sociais. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, 2 (4): 11-23, abr.1984.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

FRANCHETTO, Bruna et alii. Antropologia e feminismo. In: Perspectivas antropológicas da mulher 1. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

FRIEDAN, Betty. A segunda etapa. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Trabalhadoras do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982. 203 p. il. (Trabalhadoras do Brasil).

FURIA. Santiago, n. 6, nov. 1984.

GOLDBERG, Anette. Os movimentos de liberação da mulher na França e na Itália (1970-1980); primeiros elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil. In: LUZ, Madel Therezinha. O lugar da mulher. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

_____. Feminismo em regime autoritário; a experiência do movimento de mulheres no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO MUNDIAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA, 12, Rio de Janeiro, ago. 9-14, 1982. Mimeografado.

_____. Feminismo e autoritarismo; a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante. Rio de Janeiro, UFRJ, IFCS, 1987. Tese de Mestrado.

GORZ, André. Adeus ao proletariado; para além do socialismo. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

GRUPO CERES. Espelho de vênus; identidade social e sexual da mulher. São Paulo, Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Felix. Revolução molecular; pulsações políticas do desejo. São Paulo, Brasiliense, 1981.

GUIVANT, Julia Silvia. A ciência política e a questão feminina. Boletim de Ciências Sociais. Florianópolis, (28), jan./mar. , 1983.

GUTIÉRREZ, Rachel. O feminismo é um humanismo. Rio de Janeiro, Antares; São Paulo, Nobel, 1985.

HAHNER, June. A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas; 1850-1937. São Paulo, Brasiliense, 1981.

HUBER, Joseph. Quem deve mudar todas as coisas; as alternativas do movimento alternativo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

- ISERRA, Maria Luisa Marino & LUNA, Lola G. Feminismo y poder. Brujas las mujeres escriben. Medellín, (5): 70-9, abr. 1985.
- JÉLIN, Elizabeth. Las Mujeres y La Participación Popular; ideas para la investigación y el debate. Bogotá, Fotolito Garcia e Hijos, s.d., Documento Especial da revista "Que Pasa Mujer?". Bogotá, p. 91-7.
- KIRKWOOD, Julieta. Feministas y politicas. Nueva Sociedad. Caracas, (78): 62-70, jul./ago. 1985.
- LOBO, Elizabeth Souza. Mulheres, feminismo e novas práticas sociais. Revista de Ciências Sociais. Porto Alegre, 1(2):221-9, 1987.
- _____. Homem e Mulher; imagens das Ciências Sociais. In: Reunión Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 11, Águas de São Pedro, out., 1987. Mimeo grafado.
- MARTINS, Clítia Helena Backx. Mulher e política; as relações de gênero no PMDB de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, PPGCS, 1987. Tese de Mestrado.
- MÉROLA, Giovanna. Feminismo; un movimiento social. Nueva Sociedad. Caracas, (78): 112-6, jul./ago. 1985.
- MICHEL, Andréé. O feminismo; uma abordagem histórica. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- MIES, Maria. Por uma metodologia feminista de pesquisa. In: Feminismo e pesquisa social; a questão da metodologia. Rio de Janeiro, NEM, PUC, 1982.
- MITCHELL, Juliet. Mulheres, a revolução mais longa. Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, (14): 5-41, jul. 1967.

MONTENEGRO, Ana. Ser ou não ser feminista. Recife, Guararapes, 1981.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Mulheres em movimento. São Paulo, Nobel, Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

MUJER Y SOCIEDAD. Lima, v. 1, n. 4, set. 1981.

MULHERIO, São Paulo, vários números, 1981-.

NIN, Anais. Em busca de um homem sensível. São Paulo, Brasiliense, 1986.

NÓS MULHERES, São Paulo, vários números, 1976-78.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. Da recusa ao confinamento doméstico à reinvenção de novos espaços de cidadania - algumas reflexões teóricas. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 10, Campos de Jordão, out., 1986. Mimeografado.

OLIVEIRA, Maria Helena Darcy. Movimento Feminista Internacional; Origens, Tendências e Ações. Comunicação feita nas Jornadas de Memória da Mulher, ABI, Rio de Janeiro, 1978. Mimeografado.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. Os movimentos sociais reinventam a educação. Educação e Sociedade. São Paulo, 3(8): 33-60, mar. 1985.

_____. As pedras no bolso do feminismo. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, 2(3): 35-8, nov. 1983.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy & CALAME, Mireille. A libertação da mulher. Lisboa, Sá da Costa, 1976.

PAULILO, Maria Ignez S. A integração no sul do Estado de Santa Catarina; recorte do objeto. Cadernos de Ciências Sociais. Florianópolis, 7(2), 1987.

PITANGUY, Jacqueline. Poder e Autoridade; algumas questões sobre política institucional e movimentos sociais. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 9, Águas de São Pedro, out., 1985. Mimeografado.

QUE HACEMOS? Santiago, v. 5, n. 17, mar./abr. 1985.

QUE PASA MUJER. Escritos en movimiento. Bogotá, Documento especial.

RODRIGUES, Lília & ANDRÉA, Rita. SOS - mulher do Rio de Janeiro; uma entrevista. In: Perspectivas antropológicas da mulher 4. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. p. 109-37.

ROWBOTHAM, Sheila. O movimento de mulheres e a organização para o socialismo. In: ROWBOTHAM, Sheila et alii. Além dos fragmentos. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 31-150.

. A consciência da mulher no mundo do homem. Porto Alegre, Globo, 1983.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Feminismos e seus frutos no Brasil. In: SADER, Emir. Movimentos sociais na transição democrática. São Paulo, Cortez, 1987.

SANCHEZ, Luz Helena. Vamos Haciendo Camino. Bogotá, Fotolito García e Hijos, s.d., Documento Especial da revista "Que Pasa Mujer?". Bogotá, p. 81-90.

SANT'ANNA, Flávia. Aplicabilidade de análise de conteúdo à pesquisa educacional. Educação e Realidade. Porto Alegre, 4(1): 89-99, jan./jun. 1979.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais; um ensaio de interpretação sociológica. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1984.

SCHERER-WARREN, Ilse. O caráter dos novos movimentos sociais. Boletim de Ciências Sociais. Florianópolis, (35), out./dez.1984.

_____. Redescobrimo a nossa dignidade - Uma avaliação da utopia da libertação na América Latina. In: Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 11, Águas de São Pedro, out., 1987. Mimeografado.

SCHERER-WARREN, Ilse & KRISCHKE, Paulo J. Uma Revolução no cotidiano; os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo, Brasiliense, 1987.

SEGAL, Lynne et alii. Uma experiência local. In: ROWBOTHAM, Sheila et alii. Além dos fragmentos. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 151-200.

SEGAL, Lynne. Is the future female? Troubled thoughts on contemporary feminism. London, Virage Press, 1978.

SELLTIZ et alii. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo, Herder, 1977.

SINGER, Paul. O feminino e o feminismo. In: SINGER, Paul & BRANT, Vinicius Caldeira. São Paulo; o povo em movimento. Petrópolis, Vozes, CEBRAP, 1980. p. 109-138.

TOURAINE, Alain. O pós socialismo. Porto, Afrontamento, 1981.

VÁSQUEZ, Ana. Feminismo; dudas y contradicciones. Nueva Sociedad. Caracas, (78):55-61, jul./ago. 1985.

WOODCOCK, George. Os grandes escritos anarquistas. Porto Alegre, L&PM, 1981.